

EDITOR — JOSÉ MANUEL PEREIRA

PROPRIEDADE — V.º e HERD.º DE JOSÉ BARÃO

OFICINAS: EMP. LITOGRAFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTONIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTONIO — TELEF. 254

LISBOA — TELEF. 361839

FARO — TELEF. 93156

AVULSO 2\$00

NECESSIDADES DE LOULÉ NO ENSINO TÉCNICO E SECUNDÁRIO

A ESCOLA Técnica de Loulé funciona, desde a sua criação, no edifício da fundação Conde de Ferreira, julgado incapaz para o ministério do ensino primário. Porém, a necessidade de instalar a escola técnica, obrigou a Câmara a efectuar obras de conservação e de adaptação, tudo com carácter provisório, sempre na expectativa da construção de um edifício próprio que reunisse condições funcionais e pedagógicas para se ministrarem o ensino em bases de comodidade e de aproveitamento. Grande celeuma

levantou a escolha do terreno que a Municipalidade haveria de oferecer e urbanizar, e várias foram as hipóteses e soluções apresentadas, tendo a polémica cedido perante a escolha do Parque da Vila, para que se não jogasse com o «slogan» de que era melhor ter escola de que ter Parque e de que a discussão só teria como consequência o atraso na construção do edifício. Sabiamos que não era assim e que só para depois de 1970 se poderia encerrar a hipótese de construção, em face de uma ordem de preferências

superiormente assente e fixada. Veio o problema do ciclo, e mais pavilhões, estes desmontáveis, foram montados, em local muito afastado da escola, o que obriga os alunos mais jovens e, consequentemente, mais débeis, a deslocar-se para o alojamento. Deslocação que atinge a proximidade do quilómetro se nos lembrarmos que só a Avenida Costa Mealha tem 500 metros de extensão. Do novo edifício não há novas notícias a dar e tudo continua como há 10 anos, sem se vislumbrar uma solução conveniente ou, pelo menos, próxima.

Dos pavilhões do ciclo, nada há a acrescentar às dificuldades de acesso e à falta de urbanização do local. E, assim, continua a sede do mais populoso e extenso concelho do Algarve, à espera de uma construção constantemente diferida, sabe-se lá para quando, em face do agravamento sofrido no orçamento do Ministério da Educação.

Quanto ao ensino secundário, até aqui ministrado num externato local instalado em edifício expressamente construído para o efeito, e com instalações razoáveis sob o ponto de vista pedagógico e de comodidade para professores e alunos, sabe-se já que, no corrente ano, só funcionará para o 4.º e 5.º ano, visto que os seus proprietários, pessoas idosas e doentes, já não quiseram, no corrente ano, admitir alunos do 3.º ano, no propósito em que estão de encerrar o estabelecimento. E aqui está o problema do ensino técnico e secundário, com

(Conclui na 6.ª página)

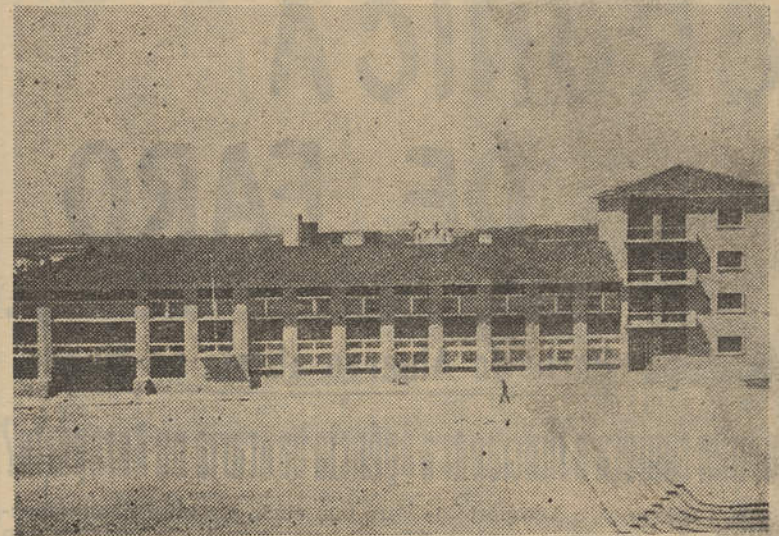
O ALGARVE QUE HÁ POUCO VIMOS

por F. Teodósio Neves

NÃO fica longe do mar, é certo, mas é aquele Algarve de que os meios de propaganda como a grande Imprensa, a Rádio e a TV, só falam, ou dizem maravilhas, quando a natureza nos mostra o inolvidável encanto das amendoeiras em flor. Após isso, volta ao esquecimento, sem que alguém se lembre de ocupar-se dele.

Como algarvio que somos, passámos as férias da profissão na terra natal, onde temos uma alfarrôbeta, a figueira no valado do vizinho e a amendoeira já na extrema da propriedade. Sempre gostámos de saborear os frutos fresquinhos do orvalho da manhã e arrecadá-los no devido tempo. Desacemos como que em peregrinação, pela devoção que temos pela nossa terra, com os mantimentos quase completos para a estadia, pois algumas vezes não os há, ou outras ainda são mais caros e homem prevenido vale por dois. Chegados que fomos à estação de Albufeira, tivemos de alugar um táxi para nos

(Conclui na 6.ª página)



O edifício dos C. T. T. em Faro

É SUPERIOR A 23 MIL CONTOS O ORÇAMENTO PARA 1971 DA CÂMARA MUNICIPAL DE FARO

SOB a presidência do sr. major João Henrique Vieira Branco, reuniu o Conselho Municipal de Faro. Assistiram os vogais srs. dr.

Joaquim Magalhães, Francisco Hilário Marrão, Manuel Lázaro Zeferrino Corvo, José Mendes Pereira, José Luís Gil, Marcelino Rosa Brito e Hugo Mascarenhas, servindo de secretário o chefe da secretaria, sr. Joaquim Valadas Marques Rafael. O motivo da reunião era apreciar e votar o plano de actividades e bases do orçamento camarário para 1971.

Através daqueles documentos ficaram bem expressos os propósitos do Município com vista às solicitações não só da sede do concelho, como das freguesias rurais.

O impacto provocado pelo desenvolvimento da cidade nos últimos anos, transformando-a de burgo provinciano numa cidade a caminhar deliberadamente para o futuro, está ali bem patente.

O total das receitas orçamentadas é de 23 500 000\$00, dos quais, 13 000 contos provenientes de receitas ordinárias, 2 000 da venda de terrenos municipais para construções urbanas ou outros fins e 5 000 de participações do Estado.

Refere o relatório que o trânsito, estacionamento e estado de conservação dos pavimentos da cidade, sujeitos a movimento intenso e rudes pressões, aumentada pela circulação permanente dos trans-

(Conclui na 5.ª página)

NOTA da redacção

CHEGOU a época dos visitantes especiais à nossa Província. Ou são diplomatas, como o embaixador alemão ou um ministro do Malavi, ou agentes de viagens de vários países. Eles vêm estabelecer contactos oficiais ou verificar as condições ideais para enviar os turistas na época de Inverno.

Este é o período das prospecções e das relações públicas, do balanço das actividades do último ano turístico e dos projectos para o próximo. Os grandes hotéis algarvios mantêm o seu movimento, embora as praias comecem a estar desertas.

No entanto, os turistas que nos procuram, a medo, nesta época, ficam seduzidos com a atmosfera es-

OS MESES QUE MAIS CONTAM PARA O FUTURO

pecial que o Outono dá ao Algarve: uma quietude diferente, uma amenidade de clima com uma especial luminosidade que provoca outros atractivos. Esta é a época dos que nos procuram para descansar apenas e se contentam com as tão apregoadas riquezas, naturais da Província. São eles, talvez, que levarão para as suas terras uma imagem mais fidedigna do Algarve, longe do artificialismo das multidões veraneantes.

Esta é também a época das obras e das pinturas, da conservação do existente e da substituição do inútil. E agora que as infra-estruturas da zona marítima vão sofrer uma total remodelação chegou a altura de reforçar canos e esgotos, de construir a tal casa de banho que vem sendo prometida há longos anos...

É necessário valorizar o que temos se quisermos ser devidamente apreciados tanto mais que os meses caminham rapidamente e em breve chega outro Verão com os seus problemas turísticos. E não vamos cometer os mesmos erros...

LOTARIAS E TOTOBOLA
CAMPIÃO
SEMPRE PRÉMIOS GRANDES

EM CAMPOS DE ALTE-TÔR: MOMENTO DE ESCOLHER A COOPERAÇÃO

por Pedro Xavier

NESSES campos onde tudo se espera há gente que quer. Na Tôr, a «coisa» foi espontânea: um grupo de homens reunidos sem programas e sem propaganda, daqueles homens que olham para a casa dos outros a direito e sabem que tudo o que nos mantém vem da terra, eles disseram o que queriam e o que não queriam. E a «coisa» chegou a Alte: Alte, onde a vontade não é amostra sem valor. Uma Cooperativa Agrícola de produção e comercialização dos produtos — é o objectivo do suor que hoje cai a prumo mal aproveitado. Objectivo na defesa de todos, não aquela defesa passiva, de rótulo, mas a que se faz sentir pela solidariedade e pelas exigências da vida de hoje. As pessoas isoladas correm o maior risco possível, se é do risco que alguém tem medo. Isoladamente, as pessoas tão depressa amam exagerada e egoisticamente um grão de terra, como a seguir o começam a odiar logo que as pressões de mercado e os problemas da mão-de-obra rural lembram ao homem que ninguém é escravo nem dos outros, nem de si, nem de todos a viverem uma vida em conserva. E a cooperação é o factor pelo qual com a maior dignidade

(Conclui na 5.ª página)



O monumento ao grande lírico João de Deus em S. Bartolomeu de Messines

PARABÉNS, MESSINES!

pela dr.ª Maria Odette L. da Fonseca

A GRANDE Imprensa noticiou, na última semana, que a ridente aldeia onde o grande lírico português João de Deus abriu os olhos ao mundo, S. Bartolomeu de Messines, ia muito em breve começar a construir o seu Jardim-Escola. Nem sempre com razão, a sabedoria do povo diz que «dos fracos não reza a história», mas a verdade é que muitos dos feitos mais ousados e intemerados não se devem aos fortes se não de alma, de coração, de perseverança. Da humildade e modéstia de pequeninos seres que ano a ano são distinguidos pelas suas acções, todos os fortes e todos os adultos aprendem ou revêem a esquecida lição

do bem que teimosamente, estultamente, muitas vezes não praticam por comodismo, por apatia, por endurecimento da sensibilidade. As maravilhosas histórias que os pequenos heróis narram, periodicamente, entram na história deste povo lusiada porque dos fracos também saem obras de mérito. Vem esta comparação a propósito

(Conclui na 5.ª página)

Faro vai ter este ano de novo as iluminações de Natal

Há anos a baixa da capital algarvia apresentava um aspecto deslumbrante de luz e colorido durante a quadra natalícia. Uma música de fundo apropriada completava o ambiente do Natal da cidade. As obras de urbanização daquela zona quebraram, porém, a meritória iniciativa do Município.

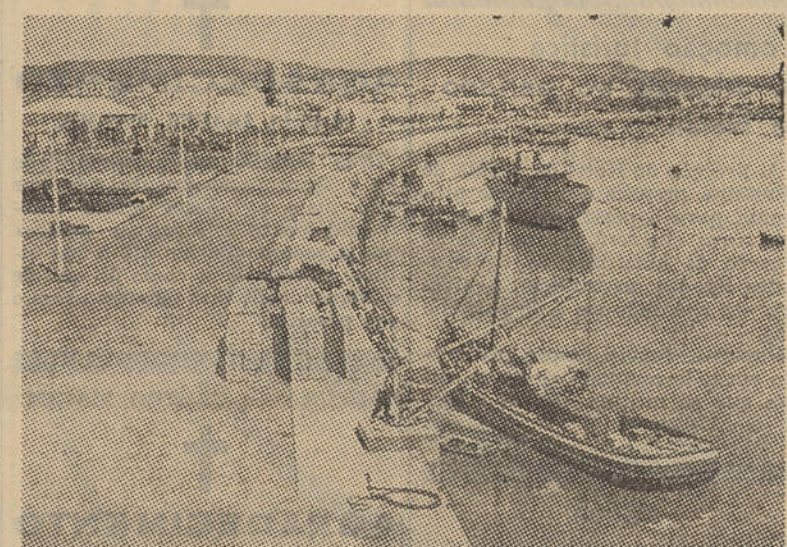
Este ano, a progressiva capital sulina prepara-se para de novo se engalantar durante o festivo período. Assim, foi empossada na sede do Grémio do Comércio de Faro e Alportel a comissão de iluminação e ornamentação, constituída pelos comerciantes srs. Fernando da Silva Alves, presidente; Bernardino de Oliveira Pereira, secretário; Fernando José Carminho, secretário adjunto; José Hilário Carapucinha, tesoureiro e Álvaro Lourenço da Conceição Correia, tesoureiro adjunto.

As zonas a iluminar e decorar durante a quadra natalícia são as ruas de D. Francisco Gomes, de Santo António, Infante D. Henrique, General Teófilo da Trindade, área de S. Luís, etc.

Para a iniciativa foi solicitado o patrocínio da Câmara Municipal de Faro e da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

JORNAL do ALGARVE

NOSSO prezado colega «O Telegrafo», que se publica na Horta (Faial — Açores), transcreveu o artigo que há semanas inserimos sob o título «Porque não recuperar os emigrantes falhados», do nosso dedicado colaborador Victor da Luz.



Portimão, um recanto do porto

VIAGEM RELÂMPAGO PELO BARLAVENTO

por F. Clara Neves

IMPRESSIONADOS pelas paisagens edénicas de Lagos, fizemos rumo a Portimão. O nosso BMW papava léguas em excelente velocidade.

Portimão é, sem sombra de dúvida, das mais lindas cidades do País. O turismo dá-lhe feição mundana, implicando num surto de movimento bancário, que, aliado à potencialidade das suas estruturas comerciais e industriais, faz do burgo barlaventino um centro de progresso.

Berço de Manuel Teixeira Gomes, escritor de mérito, diplomata e antigo presidente da República, Portimão é uma das chaves da economia da Província. No seu con-

celho, de uma riqueza extraordinária, a construção civil atinge grandes proporções. Os hotéis e casas afins que servem o turismo local, são de concepção moderna, obedecendo a técnicas especializadas. A elegantíssima Praia da Rocha, das mais famosas do mundo, Alvor, Penina e Torralta, são pontos de convívio internacional, marcando posição ímpar no Algarve.

Visitámos a Torralta, seguindo por estradinhas com dísticos um

(Conclui na 5.ª página)

VISADO PELA DELEGAÇÃO DE CENSURA

Janela do MUNDO

NO CANADÁ OS SEPARATISTAS ESCOLHERAM O PIOR CAMINHO

NO panorama do terrorismo mundial, surgiu outro foco, até aqui inexplorado: o Canadá.

A Frente de Libertação do Quebec, facção separatista francesa, deu dois sensacionais golpes seguidos, raptando um diplomata britânico e o ministro do Trabalho provincial.

O caso agitou o Canadá e a opinião pública de todo o Mundo, chamando a atenção, uma vez mais, para a facção francesa que deseja a divisão da anglo-saxónica. Recordou-se a visita do general De Gaulle quando presidente da França

(Conclui na 6.ª página)

FÉRIAS e FINS DE SEMANA no ALGARVE. PRIMEIRA CLASSE. Quarto com casa de banho. RUA GONÇALO BARRETO, 1. TELÉF.: 240 63. FARO • ALGARVE • PORTUGAL

CRÓNICA DE FARO por JOÃO LEAL

Porta do Algarve aberta ao Mundo Quando começa a funcionar a agência bancária no Aeroporto?

Após anos, o Aeroporto de Faro tem vindo a conhecer um impacto de frequência verdadeiramente excepcional. Os números são eloquentes e revelam que, quando quebrados certos condiciona-

mentos, essa mesma frequência pode atingir cifras de um expoente elevadíssimo. O aeroporto tem deficiências, ninguém as desconhece. Ainda há dias os órgãos informativos inseriam anúncios de várias empreitadas com melhoramentos a efectuar no complexo. Para um deles (urbanização das placas fronteiras a aeroportos) chamáramos várias vezes a atenção de quem de direito.

O que hoje queremos focar na crónica, está fora da alçada da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, posto que, pelo que toca a este organismo, tudo foi efectuado (desde o concurso para adjudicação, até às instalações, que aguardam ocupante). Referimo-nos à agência bancária, necessidade de grande monta, pois é sabida a sua utilidade mormente no que respeita a câmbios. Efectuado o respectivo concurso, em 2 de Dezembro de 1969, foi adjudicada ao Banco do Alentejo a «concessão de licença de exploração de uma agência bancária no aeroporto de Faro», por despacho do ministro das Comunicações. Acontece porém que volvido quase um ano, a agência continua por abrir, aguardando despacho da Inspeção-Geral de Crédito e Seguros, nos termos da legislação vigente. Simplesmente, a lei, que foi feita para defender os interesses da grel, não deve (pois que poder, pode...) atropelar e coarctar o progresso do País. Assim parece estar sucedendo com a agência bancária no Aeroporto. Ninguém contesta a sua plena necessidade. Ninguém duvida de que se luta com empenho e afã por vencer a «batalha do turismo», elemento económico assinalado como o primeiro na vida da Nação. Em face destas proposições, condena-se o longo atraso de sua excelência a burocracia, que necessita de quase um ano (ou mais?) para autorizar algo que não é uma experiência nova (e portanto sujeita a resultados imprevisíveis) mas uma unidade idêntica a milhares de outras existentes nos aeroportos de todo o mundo.

Em 1968, foi de 105 255 o número de passageiros movimentados, ampliando-se no ano transacto para 155 816. Em 1970, aquele número, ao que nos dizem, já está ultrapassado. Será que para além do carácter de urgência de que a concessão se reveste, estes núme-

A. Leite de Noronha MÉDICO Consultas diárias a partir das 16 horas Rua da Trindade, 12-1.º, Esq. FARO

Deslocou-se ao Algarve o secretário de Estado do Exército

Em visita às unidades militares aquarteladas na nossa Província esteve na quinta-feira no Algarve o sr. general José de Oliveira Vitoriano, secretário de Estado do Exército.

Homenagem ao prof. Virgílio Fagulha, que foi director do Distrito Escolar de Faro

Durante 29 anos exerceu as elevadas funções de adjunto e director do Distrito Escolar de Faro o sr. prof. Virgílio Ferreira Fagulha. Há poucos meses passou à aposentação após uma vida toda ela consagrada ao ensino primário. Ribatejano pelo nascimento, devotou-se totalmente à nossa Província, à qual prestou assinalados serviços.

AGRADECIMENTO António Valentim Moreira Parra, vem por este meio, testemunhar a sua maior gratidão e reconhecimento ao Ex.º Sr. Doutor Diamantino Baltazar e Equipa Médica que com ele colaborou na intervenção cirúrgica a que foi submetido no Hospital de Olhão, pela forma carinhosa e altruísta como o rodearam.

Ecos Partidas e chegadas Por via aérea e em goso de férias deslocou-se a Louãres e Dusseeldorf o sr. Gilberto Camilo de Carvalho Santos, funcionário dos Serviços de Contabilidade dos T. A. P., em Faro.

Casamento Celebrou-se na igreja de S. Sebastião da Pedreira em Lisboa, o casamento da sr.ª D. Flávia Maria Corado Guilherme, filha da sr.ª D. Maria da Conceição Corado Guilherme e do sr. Flávio Henrique Artur Guilherme, comerciante em Lisboa, com o sr. Fernando António Custódio, funcionário da Companhia dos Petróleos B. P. em Faro, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Santos Custódio e do sr. capitão José dos Santos Custódio.

FARMÁCIAS DE SERVIÇO Em ALBUFEIRA, hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até sexta-feira, a Farmácia Piedade. Em FARO, hoje, a Farmácia Higiene; amanhã, Graça Mira; segunda-feira, Pereira Gago; terça, Pontes Sequeira; quarta, Baptista; quinta, Oliveira Bomba e sexta-feira, Alexandre.

NECROLOGIA Manuel Bravo Gomes Em Vila Real de Santo António, onde residu durante muitos anos, faleceu o sr. Manuel Bravo Gomes, de 78 anos, natural de Mértola, proprietário, casado com a sr.ª D. Maria Carmelinda Celorico Medeiros Bravo. Era pai de D. Maria Rosa Medeiros Bravo, já falecida e dos srs. Manuel Medeiros Bravo, vicepresidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Maria Adelaide Frade Medeiros Bravo; Damião Luís Medeiros Bravo, casado com a sr.ª D. Maria de Lourdes Martins Leiria Medeiros Bravo; e Valentim André Medeiros Bravo, casado com a sr.ª D. Maria Henriqueta Trabuco Medeiros Bravo; irmão das srs.ª D. Felicidade Bravo Santos Nunes, D. Maria Luísa Bravo Uva e D. Agueda Bravo Lima, de José Bravo e dos engs. Valentim Bravo e André Bravo, já falecidos e do sr. Rui Bravo Tavares; e cunhado das srs.ª D. Maria Margarida Meneses Belard da Fonseca Bravo, D. Conceição Conduto Bravo, D. Emília Conceição Conduto e D. Rita Ponce Medeiros e dos srs. engs. Santos Nunes, almirante Joaquim de Sousa Uva, António Tavares, António Passos de Lima, Santiago Ponce Medeiros e Jorge Ponce Medeiros.

CINEMAS Em ALBUFEIRA, no Cine-Pax, hoje, «Dois homens e um destino»; amanhã, «O mundo de Suzie Wong»; terça-feira, «Guerra e paz»; quarta-feira, «A máscara do demónio». Na FUSETA, no Cinema Topázio, amanhã, «A grande paródia» e «Convite a um pistoleiro»; quinta-feira, «Cartouches» e «A última ameaça».

Promoção turística do Algarve no período do Natal A direcção do Hotel da Balaia de Albufeira, prepara um festivo programa para o período do Natal e Ano Novo, que será apresentado no decurso de uma reunião de entidades ligadas ao turismo, a efectuar em Roterdão em 4 do próximo mês.

LAGOS SETE ANOS DE SAUDADE Far-se-á depois ampla divulgação em todo o mundo, desta iniciativa que se intitula «Passe o Natal no Algarve».

AGRADECIMENTO MARIA ISABEL PALMA Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que a acompanharam até à sua última morada bem como às que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

AGRADECIMENTO JOSÉ ANTÓNIO DE CAMPOS Sua esposa, filha e genro, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde no decorrer da sua prolongada doença, e a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

AGRADECIMENTO ALTURA — CASTRO MARIM JOSÉ ANTÓNIO DE CAMPOS Sua esposa, filha e genro, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde no decorrer da sua prolongada doença, e a acompanharam à sua última morada, bem como às que de qualquer modo lhes manifestaram o seu pesar.

Silvino António Malveiro A 15 de Outubro de 1963 faleceu em combate em Angola o Furriel Silvino António Malveiro deixando em angústia seus pais e irmãos. Na passagem do 7.º aniversário do seu falecimento, continua viva a sua dor e grande saudade.

AGENDA

Em FARO, no Cinema Santo António, hoje, «Austerlitz»; amanhã, «A doce vida»; terça-feira, «Furor de matar» e «Ora as baías assobiam»; quarta-feira, «Serafino»; quinta-feira, «Sarielhos conjujais»; sexta-feira, «Sam Whisky» e «Ataque à muralha do Atlântico».

Em LOULE, no Cine-Teatro Louletano, hoje, «Pistoleiros do Arizona» e «Jerry e os 6 tiros»; amanhã, «Com jeito vai, campista»; terça-feira, «Um lugar no inferno»; quinta-feira, «Coits para os 7 magníficos».

Em PORTIMÃO, no Cine-Teatro, hoje, «Sam Whisky» e «O renegado da estrada»; amanhã, «Um ponto de fuga»; terça-feira, «Noite de angústia»; quarta-feira, «Um caso perdido»; quinta-feira, «Os 5 bandedeiros»; sexta-feira, «O homem das pistolas de ouro».

Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, há cinema no Glória F. C. e no Lusitano F. C.

Esperança, constituindo sentida manifestação de pesar.

D. Elisa do Amaral Seabra Em Lagos faleceu a sr.ª D. Elisa do Amaral Seabra, de 94 anos, viúva. Era mãe da sr.ª D. Palmira Amaral Seabra, notária do concelho de Lagos, casada com o sr. dr. António Luís da Silva.

Alvaro Tenório da Silva Faleceu em Lisboa, realizando-se o funeral para o Lavradio, o sr. Alvaro Tenório da Silva, de 48 anos, natural de Vila Real de Santo António, filho da sr.ª D. Maria Tenório da Silva e do sr. Manuel Félix da Silva. Deixa viúva a sr.ª D. Maria de Lourdes de Sousa Barracha e Silva e era pai da sr.ª D. Maria Luísa de Sousa Tenório da Silva e do sr. Vitor Manuel de Sousa Tenório da Silva e irmão do sr. Américo Tenório da Silva.

D. Rita Rosa Anica Nas Hortas (Vila Real de Santo António) faleceu a sr.ª D. Rita Rosa Anica, de 62 anos, natural de Vila Real de Santo António, Deixa viúvo o sr. Teodoro Gomes Baptista e era mãe da sr.ª D. Maria Benilde Gomes Baptista.

D. Balbina Rodrigues Flores Em Lisboa, onde residia, faleceu a sr.ª D. Balbina Rodrigues Flores, de 90 anos, viúva, natural de Vila Real de Santo António. Era mãe da sr.ª D. Joana Flores Mendes e sogra do nosso assinante sr. Manuel Mendes.

TAMBÉM FALCERAM: Em VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — a sr.ª D. Serafina Pereira, de 72 anos, natural de Odessa (Castro Marim), viúva de António Joaquim Teixeira.

Em MONTE GORDO — o sr. João da Rosa Gomes, de 70 anos, natural de Vila Real de Santo António, casado com a sr.ª D. Clotilde da Rosa.

Em AMORA — a sr.ª D. Maria Catarina José Rodrigues, de 27 anos, natural de Alcoutim, casada com o sr. Fernando Rodrigues, mãe da menina Custódia Gaspar Rodrigues.

Em VENDA DO PINHEIRO — a sr.ª D. Guadalupe Augusta Cavalheiro, de 79 anos, natural de Vila Real de Santo António, casada com o sr. João Fernandes Cavalheiro.

Em LISBOA — o sr. António Guerreiro Mendes, de 56 anos, natural de Saiz (Loulé), pai da sr.ª D. Maria Irene Pintassilgo Mendes e dos srs. António, Francisco e José Manuel Assunção.

— o sr. Agostinho Lourenço Marreiros, de 29 anos, natural de Aljezur.

— a sr.ª D. Fabiana da Encarnação Santana, de 88 anos, viúva, natural de Portimão.

— a sr.ª D. Ana Paula Mendes Paraiso, de 99 anos, professora oficial, aposentada, natural de Loulé.

— o sr. Avelino Costa, de 70 anos, natural de Silves, comerciante, casado com a sr.ª D. Aurora dos Santos Costa, pai das srs.ª D. Julieta dos Santos Costa, D. Diamantina dos Santos Costa de Azevedo, D. Maria Aurora dos Santos Costa e D. Gisete dos Santos Costa Santos Leal.

— o sr. António Gregório Correia Alfarroba, de 71 anos, natural de Portimão, casado com a sr.ª D. Lucrécia da Correia.

— o sr. José Fernandes das Candelas, de 76 anos, natural de Olhão, casado com a sr.ª D. Alexandrina da Jesus.

— o sr. José dos Reis, de 64 anos, natural de Silves, casado com a sr.ª D. Maria de Jesus Almeida.

— o sr. Joaquim Filipe da Costa Júnior, de 93 anos, natural de Albufeira, aposentado da Guarda Fiscal, casado com a sr.ª D. Domicélia Ribeiro da Fonseca Costa.

— a sr.ª D. Ermelinda Pereira, Theriaga Leitão, de 88 anos, viúva, natural de Faro.

— a sr.ª D. Ana Maria Corpes Viegas, de 79 anos, natural de Loulé, casada com o sr. João de Sousa Viegas.

— o sr. João Rui Guerra, de 57 anos, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Maria Alice Ferreira de Oliveira Guerra.

— a sr.ª D. Luísa Marques Mariano, de 39 anos, natural de Portimão, filha da sr.ª D. Adelina do Sacramento Marques.

— a sr.ª D. Mariana das Dores de Lemos Lobo Freire Pantoja de Brito, de 80 anos, viúva, natural de Faro, mãe da sr.ª D. Ana Judite Pantoja de Brito e do sr. João Alberto Pantoja de Brito.

— o sr. António Ramos, de 76 anos, 1.º sargento da Armada, natural de Tavira, casado com a sr.ª D. Dorília das Chagas Cabrita Ferreira Ramos.

— a sr.ª D. Maria Luísa Eusébio Trigo, de 64 anos, natural de Faro, casada com o sr. Manuel José Lopes, mãe do sr. Henrique João Eusébio Trigo.

— o sr. Manuel dos Santos, de 60 anos, natural de Faro, casado com a sr.ª D. Filipina da Conceição Pinto dos Santos.

— a sr.ª D. Maria Machado Rocha, de 81 anos, natural de Silves, viúva, mãe das srs.ª D. Amália dos Santos Machado Rocha, D. Irene Machado Rocha, D. Maria da Conceição Cabeça e dos srs. Joaquim António Rocha e José Maria Machado Rocha.

— o sr. Jacinto Queirós Taklim, de 79 anos, natural de Lagos, funcionário aposentado, da Maternidade Alfredo da Costa, casado com a sr.ª D. Clotilde Teodora Calado da Rocha.

De 15 a 21 de Outubro O L H A O

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Estrela do Sul, Conservadora, Nova Clarinha, etc.

BELLATRIX ESPECIAL Alimentação Transistorizada

De 13 a 20 de Outubro QUARTEIRA Artes diversas 141 755\$00

MOTORES INTERNATIONAL

De 14 a 21 de Outubro PORTIMÃO

Large table with 2 columns: Name and Amount. Includes Briosa, Portugal VII, Neptúnia, Ponta do Lador, etc.

BOMBAS DE PEIXE MARCO

De 15 a 21 de Outubro LAGOS

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Sr.ª da Encarnação, Brissamar, Baía de Lagos, etc.

ALADORES PURETIC

TINTAS «EXCELSIOR»

MOTORES INDUSTRIAIS, MARÍTIMOS E GRUPOS DE REGA FARYMANN EQUIPAMENTOS DE LABORATORIO, LDA. ACEITAM-SE AGENTES NOS CONCELHOS LIVRES

EDUCAÇÃO FÍSICA INFANTIL

Sede da Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Real de Santo António.
Inscriva os seus filhos

É superior a 23 mil contos o orçamento para 1971 da Câmara Municipal de Faro

(Conclusão da 1.ª página)

portos colectivos urbanos, constitui preocupação do Município. E ao trânsito da cidade acresce, como se tem mencionado, o que advém da circulação Sotavento-Barlavento e vice-versa que, por não existir circular, atravessa a cidade. Tudo provoca problemas para que a estrutura viária da capital do Algarve não foi preparada e que, só a pouco e pouco e com muita boa vontade vão encontrando solução, sendo de destacar a excelente colaboração que vem sendo prestada pela Comissão Municipal de Trânsito, a que preside o vereador sr. Joaquim Manuel Bentes Aboim. Continuará por isso a Câmara Municipal com o programa de aquisição de prédios urbanos, destinados a demolição para abertura da Rua A e de outros arruamentos que melhor facilitem o trânsito na cidade. Enquanto continuar parada na Direcção Geral da Fazenda Pública a aquisição da Carreira do Tiro, não temos possibilidade de resolver o problema da Estrada da Circunvalação. Para melhoria do trânsito nas ruas da Misericórdia e Albergue está a Câmara adquirindo prédios para demolir, na Rua do Montepio (Sociedade dos Artistas). Está já a correr o concurso público entre arquitectos-urbanistas nacionais para o arranjo da Praça Arantes e Oliveira (Pontinha) e no próximo ano pensamos levar a efeito um outro para arranjo da doca e terrenos confinantes, prevendo logo a variante sul da Estrada Nacional 125.º

Diz também o documento que «apesar de diversas diligências não foi ainda iniciada a construção da 2.ª fase do Bairro da Atalaia. Posta a concurso por anúncios de 13 de Dezembro de 1969, com a base de licitação de 2 313 contos, foi apresentada uma única proposta superior em 30 por cento à base citada e que, por isso, não pôde ser aceite. A Câmara expôs superiormente o assunto, solicitando que o subsídio por fogo subisse para 40 a 46 contos. Aguarda-se resolução superior sobre tal pedido, para em 1971 se promover a execução da obra, do maior interesse social e que tanto beneficiará as classes modestas da cidade. Em caso de necessidade urgente de alojamento estão já alguns fogos assegurados — casas desmontáveis — através do Fundo de Fomento da Habitação».

As principais obras de interesse público a realizar pela Câmara no próximo ano, são as seguintes:

Arruamentos na cidade — arranjo da Avenida 5 de Outubro (extremo poente), 370 contos; idem da Rua Almeida Garrett (2.ª fase), 100 contos; construção da Rua «A» entre a Praça D. Francisco Gomes e terreno do novo hospital (incluindo expropriações), 800 contos; idem das Ruas «B» e «C», 200 contos; idem da Rua Vale de Carneiro à Penha e arruamentos que nela entroncam, 450 contos; reparação de arruamentos da Zona Industrial, 108 contos; construção do prolongamento da Avenida Olivença para Sul (incluindo aquisição de prédios na R. José de Matos), 200 contos; reparação da Rua do Alportel e das que para o seu emissário drenam, 500 contos; idem da ligação da Rua Bocage com o Arco do Repouso, 2 500\$; idem da Rua José de Matos (2.ª e 3.ª fases), 40 contos; idem das Ruas Portugal, Horta Machado e Largo Conceição, 12 contos; construção das Ruas Santo António, Tenente Valadim e outras, 20 contos.

Outros melhoramentos na cidade — construção de casas para famílias po-

bres, 3 000 contos; idem de instalações sanitárias, bancadas e outros melhoramentos no estádio, 1 300 contos; cobertura do Mercado Municipal, 400 contos; construção de instalações sanitárias na Alameda e Jardim, 90 contos; parque infantil da Alameda, 50 contos; vedação do parque de campismo da praia 100 contos; obras de urbanização parcial na cidade, segundo planos aprovados, 150 contos; idem na praia de Faro, segundo planos aprovados, 50 contos; restauração do antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção para adaptação a Museu (acabamento das obras nascente e sul e cerca conventual), 400 contos; construção dum talho no Mercado Municipal, 20 contos; aquisição dos terrenos da Carreira do Tiro, propriedade do Estado, 3 599 260\$; idem da Horta da Areia (1.ª e 2.ª semestralidades), 115 contos; arranjo urbanístico da Pontinha, incluindo despesas com o concurso e expropriações, 2 100 contos; despesas com o concurso para arranjo urbanístico da zona da doca, 300 contos; urbanização do Bairro da Atalaia (décimos de garantia), 26 contos; revisão do antepiano de urbanização da cidade, 100 contos; esboceto de urbanização de Montenegro, 90 contos; construção do Aeroporto de Faro, 10 contos; idem de catacumbas e ossários, 150 contos; reparações e conservações em outros arruamentos e edifícios municipais, 400 contos.

Vias municipais — reparação da Estrada Municipal 520-2 — Santa Bárbara de Nexe a Coiro da Burra — 4.ª fase, 100 contos; idem da Estrada Municipal 520 — Santa Bárbara de Nexe a Górgões (limite do concelho) — 1.ª fase, 200 contos; idem do Caminho Municipal 1 306, da Estrada Municipal 5 202 — Ponte da Murta — 1.ª fase, 180 contos; idem do Caminho Municipal 1 308, da Estrada Municipal 520 à 529 de Santa Bárbara de Nexe a Lagos e Relvas — 1.ª fase, 500 contos; idem do Caminho Municipal 1 309 (Estrada do Tripado) — aguardando reclassificação — 1.ª fase, 600 contos; idem do Caminho Municipal 1 312 — Azinhal e Amendoeira a Azinheiro e Barranco de S. Miguel, 200 contos; idem da Estrada de S. Luís (troço nascente), 240 contos; idem do Caminho Municipal 1 321 da Estrada Municipal 520-2 a Guelhim — 1.ª fase, 130 contos; idem e alargamento da ponte da Estrada Municipal 527-1, 600 contos; construção do Caminho Municipal 1 321 da Estrada Municipal 520-2 a Guelhim — 1.ª fase, 135 contos; conservação e reparação de outras estradas e caminhos municipais, 120 contos.

Décimos de garantia — reparação da Estrada Municipal 520-1 — Santa Bárbara de Nexe a Valados — 1.ª fase, 50 contos; idem da Estrada Municipal 520-1 — Santa Bárbara de Nexe a Valados — 2.ª fase, 20 contos; idem da Estrada Municipal 520-2 — Santa Bárbara de Nexe a Coiro da Burra — 1.ª fase, 35 contos; idem da Estrada Municipal 520-2 — Santa Bárbara de Nexe a Coiro da Burra — 2.ª fase, 35 contos; idem da Estrada Municipal 520-2 — Santa Bárbara de Nexe a Coiro da Burra — 3.ª fase, 35 contos; idem da Estrada Municipal 518 — Senhora da Saúde a Mar-e-Guerra, 15 contos.

Melhoramentos nas freguesias — Conceição de Faro — arranjo do Largo da Igreja, 100 contos; correcção do C. M. 1 315 e acessos da ponte, 250 contos; reparação da E. M. 519 (entre Conceição e E. N. 2-6), 2 000 contos; idem do troço da E. M. 518 entre a E. N. 2 e E. N. 519, 250 contos; classificação e reparação do C. M. de Porto Carro a C. M. 1 315, 1 200 contos; reparação do C. M. 1 316 (14) entre Conceição e E. M. 522, 1 700 contos.

Estoi — continuação da reparação da E. M. 517, 500 contos; reparação do C. M. entre E. M. 516 e C. M. 1 314, servindo a Escola Primária de Vale Grande, 500 contos; reparação entre Bordeira e Fialho, 800 contos; abertura da Rua 1 (acesso N. do Mercado), 100 contos.

Santa Bárbara de Nexe — construção de um aqueduto no caminho de acesso a Colmeal, 15 contos; reparação da continuação do C. M. 1 306, para SW até C. M. 1 308, 500 contos; pavimentação das ruas da Igreja e Francisco Pires Mendonça, 50 contos; reparação do Caminho Municipal 1 307, 350 contos; idem do Caminho Municipal 1 305, 1 000 contos.

Jardins e arborização — conservação e arborização dos jardins, largos e arruamentos públicos, 200 contos.

do alto da torre



Para quando a rampa?

Foi pedido por um pescador, em nome dos seus colegas fusetenses, como uma das aspirações de mais necessária e imediata realização, o empedramento da rampa. Aconteceu isto há um ano e no decurso de uma sessão pública efectuada na Fuseta.

A resposta ao pedido foi a esperada, mas desta feita com o cunho de que prontamente os trabalhos se iniciariam. Apareceram ofertas, que aliás também já tinham surgido antes da tal sessão. E a Fuseta embandeirou em entusiasmo por os seus pescadores irem dispor de local conveniente para a limpeza e reparação dos barcos.

Acreditou-se que até fins de 1969 a obra teria o seu início. Um ano decorreu, porém, sobre o pedido e a promessa da sua realização. Um ano se viveu entre o entusiasmo, o comediamento, a esperança e a incerteza. Que a obra faz falta, ninguém o contesta. Que foi dito que teria imediata concretização, ninguém o desmente. Entretanto, o que se espera? Entretanto, por que se espera? A pergunta fica a pairar (talvez esperando também indefinidamente resposta...), mas vale como lembrança de promessa há um ano feita. Lá diz o povo, na sua sabedoria: «A rico não devas, a pobre não prometas». E nós acrescentamos: «que de promessas estamos cheios».

João Leal

Aferição de pesos e medidas

As Câmaras Municipais de Olhão e Silves, foram autorizadas a prorrogar até 31 deste mês, o prazo para aferição de pesos e medidas.

Crónica taurina

Apraz-nos verificar que não somos só nós a interessar-nos pelos assuntos taurinos neste meridional Al-Garve, e nomeadamente, na pombalina Vila Real de Santo António.

Também S. P., na sua carta aberta aos magnates da «festa brava», se mostra interessado na realização de mais e melhores espectáculos.

Realmente, na altura da Feira de Outubro, a vila, à semelhança das suas irmãs alentejanas e ribatejanas, comportava bem um cartel com duas ou três corridas e um ou dois festivais pró-aficion, onde os rapazes das redondezas poderiam mostrar os seus dotes de toureiros.

Gostaríamos de ter oportunidade de ver os nossos rapazes pegarem, bandarilhar e até tourearem a cavalo, garralos ou vacas.

É assim que se fazem toureiros. Começa-se de pequeno a lidar com o gado e, por vezes, um ou outro rapaz chega a ser um bom toureiro.

Os rapazes do Algarve não são diferentes dos outros. O que é preciso é que haja mais praças de touros, muitos festivais e que se abram as portas aos novos.

A tauromaquia não é só negócio, é também distracção e satisfação espiritual.

Vitor de Veiros

Júlio Sancho

Médico-Radiologista

Diagnóstico-Röntgenterápico
R. Castilho, 37—Tel. 22644

FARO

Os beneficiários dos Serviços Médico-Sociais têm preços de Policlínica nos exames particulares

TALISMÃ DO AMOR

Salomão e o seu signo cercado por duas víboras, este lindo e raro amuleto dará a quem o possua sorte ao jogo, nos negócios, no amor, viagens, etc. A cobrança por 150\$00. Para o estrang. moeda equival. Rua Palmira, 28, 2.º—Telef. 82 03 55 — Lisboa. VELHO ASTRÓLOGO.

QUEM BEBE VINHOS

ARRUDA

NÃO MUDA

Produzidos pela: ADEGA COOPERATIVA DE ARRUDA DOS VINHOS

exija-os sempre à sua mesa
em casa, no bar ou no restaurante

TINTO • BRANCO • RUBI

Um produto da rede distribuidora

DEPOSITOS—FARO telef. 23662—TAVIRA—telef. 284—LAGOS telef. 287

PORTIMÃO—telef. 148—ALMANCIL—telef. 34—MESSINES—telef. 8e89

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

ESTABELECIMENTO TEBELO FONTAINHAS NETO COMÉRCIO E INDUSTRIA, S.A.R.L.
RUA DE MESSINES—ALGARVE—PORTUGAL

Conversas das sextas-feiras no Círculo Cultural do Algarve

A conversa do dia 16 no Círculo Cultural do Algarve, de Faro, derivou da audição duma «cassette» gravada pelo consócio sr. Adão Contreiras contendo música clássica (Traviata) e declamação de poemas de autores contemporâneos versando temas da actualidade, alguns dos quais acompanhados à viola. Zeca Afonso, Manuel Freire e Paxti Audian foram também ouvidos em algumas das suas canções.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 709 — 24/10/70

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TAVIRA

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Pelo Juízo de Direito desta comarca de Tavira, na acção com processo sumário pendente na Secção de Processos movida pelos autores António Júlio dos Santos e mulher Leonor do Carmo, ele marítimo e ela doméstica, residentes na Povoação das Cabanas, freguesia da Conceição desta comarca contra EDUARDO MARIANO PIRES VIEIRA e mulher MARIA PICOITO MATIAS, residentes em parte incerta da Argentina, com última residência conhecida em Cabanas, freguesia da Conceição desta comarca, são estes réus citados para contestarem, apresentando a sua defesa no prazo de dez dias que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que os autores deduziram naquele processo e que consiste reconhecer-se aos mesmos o direito a um prédio urbano com quatro compartimentos e quintal, sito na Rua Dr. Jorge Correia, n.º 12 no povo das Cabanas, freguesia da Conceição desta comarca, que confronta do nascente com Firmino dos Santos Bagarrão, do poente com Olímpio José Fernandes, do norte com a Rua e do sul com José Ramos, inscrito no art.º 228 da matriz predial urbana da referida freguesia, e em consequência declarando-se os autores seus únicos donos e possuidores para todos os efeitos.

Tavira, 3 de Outubro de 1970.

O Escriutário,

a) José Fernando Chagas Cansado

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Agostinho Manuel Pontes de Sousa Inês

H. PIMENTA DE CASTRO
MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DA BOCA E DENTES
PRÓTESE DENTÁRIA

Consultas a partir das 15 horas — excepto sábados —

CONSIDERA-SE A URGÊNCIA

CONSULTÓRIO:

Rua Dr. João Lúcio, 17-1.º—OLHÃO

TELEF. OLHÃO—72619

Residência: 23104—FARO

349—MONTE GORDO

À Classe Médica e aos Doentes Diabéticos

As preparações de INSULINA "SANO" cuja qualidade é assegurada pela comprovação oficial a que sistematicamente são submetidas, encontram-se à venda nas principais Farmácias do País pelos seguintes preços:

INSULINA (SIMPLES)—Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=20\$00

INSULINA PROTAMINA-ZINCO—Frascos de 10 cc. com 400 Unidades=23\$00

O LABORATÓRIO "SANO"

É O ÚNICO FABRICANTE NACIONAL DE INSULINA

NOVOS COSTUMES NOVA ECONOMIA

Lançamos esta Campanha porque conhecemos o seu interesse em poupar: (... NO POUPAR É QUE ESTÁ O GANHO!) Com a utilização deste novo e moderno sistema do CRÉDITO ABERTO, que inclui para SI MÚLTIPLAS VANTAGENS. V. tem agora e bem à sua mão a oportunidade de obter os benefícios e vantagens da utilização dos nossos produtos electro domésticos, de grande QUALIDADE e RENOME MUNDIAL.

Peça-nos o folheto ilustrado explicativo ou telefone a solicitar informações ou a presença de um representante ELECTROLUX e... verá que compensa!

CRÉDITO ABERTO

Electrolux

STANDS DE EXPOSIÇÃO E DEMONSTRAÇÃO

Rua Cândido Guerreiro, 21 - Tel. 24203 - Faro

Agradeço que me enviem o folheto CRÉDITO ABERTO—Electrolux

nome.....

morada.....

localidade.....

enviar o cupão em carta ou postal

Traduções Correspondência Francês-Ingês-Espanhol

Faça minha casa. Entregas rápidas, execução cuidada. Escrever para J. CASA-NOVA, Avenida 5 de Outubro, 40-A — FARO.

Brinde com PORTO, mas!



Distribuidores Exclusivos no Algarve

Francisco Martins Farrajota & Filhos, Lda.

Secção «GARRAFEIRA»

PORTIMÃO

Telefone 123

LOULÉ

Telefone 62002

F. Sousa Girão, Limitada

Certifico que, por escritura de 20 de Agosto do ano corrente, lavrada de folhas 4 a folhas 6, do Livro de notas para escrituras diversas A-21, do Cartório Notarial de Lagoa-Algarve, a cargo da licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, entre Fernando de Sousa Girão e mulher Maria de Fátima de Sousa Peixoto Girão, residentes em Silves, que se regerá pelas cláusulas seguintes:

1.º — A sociedade adopta a firma «F. Sousa Girão, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento na cidade de Silves, e a sua duração é por tempo indeterminado, entrando hoje, em exercício.

2.º — O seu objecto é o exercício do comércio em geral, podendo dedicar-se também a quaisquer ramos de actividade permitidos por lei e que os sócios acordem em explorar.

3.º — O capital social é de cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, entrado na Caixa Social e corresponde à soma de duas quotas de vinte cinco mil escudos, uma de cada sócio.

4.º — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer sócio poderá fazer à caixa social os suprimentos de que esta carecer, nas condições que, em reunião de assembleia geral, forem deliberadas, ficando a constar da respectiva acta.

5.º — A cessão de quotas, no todo ou em parte, por um sócio a estranhos, fica dependente do consentimento do outro sócio.

6.º — A gerência e administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, fica exclusivamente a cargo do sócio Fernando de Sousa Girão.

§ 1.º — A sociedade fica validamente obrigada, em todos os actos e contratos, somente com a assinatura do sócio Fernando de Sousa Girão.

§ 2.º — Para todos os actos de mero expediente, basta a assinatura de qualquer dos sócios.

§ 3.º — Fica expressamente proibido aos sócios, obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor ou quaisquer outros actos estranhos aos negócios sociais.

7.º — Os lucros líquidos que resultem do balanço anual, depois de deduzidos cinco por cento, pelo menos, para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

8.º — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os herdeiros ou representante legal do sócio falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade, enquanto a quota se mantiver indivisa.

9.º — A sociedade somente se dissolve nos casos taxativamente marcados na lei. Seja qual for o motivo da dissolução, a liquidação e partilha será feita pelos sócios, seus herdeiros ou representantes, como acordarem e for de direito.

10.º — As assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, salvo os casos para os quais a lei prescreva formalidades especiais.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, quinze de Outubro de mil novecentos e setenta.

A Notária,

Catarina Maria de Sousa Valente

COMPARTICIPAÇÕES

Foram concedidas as seguintes participações: 240 contos à Câmara Municipal de Castro Marim, para o caminho municipal n.º 1251 (construção do lanço entre o caminho municipal n.º 1132 e Alcaria), 1.ª fase; 16 800\$00 (reforço) à Câmara Municipal de Silves para o caminho municipal n.º 1078 (construção do lanço entre a estrada nacional n.º 264 e Vale Longo), 1.ª fase; 300 contos à Câmara Municipal de Albufeira, para o caminho municipal n.º 1285 (construção), da estrada nacional n.º 395, em Alpouvar, à estrada municipal n.º 526, em Brejos, 1.ª fase; e 18 490\$00 (reforço), à Câmara Municipal de Alcoutim, para a estrada municipal n.º 507-1 (construção), da estrada municipal n.º 507, em Glões, à estrada nacional n.º 124, 2.ª fase.

Décimo Cartório Notarial de Lisboa

A cargo do notário Licenciado Abílio António Belo Tavares Cadete

Certifico, para efeitos de publicação, que, por escritura de 8 de Outubro de 1970, lavrada de folhas 96 a folhas 98, verso, do livro número G-21, de escrituras diversas, deste cartório, ANTONIUS JOHANNES GOEMANS e HENRY MÁRIO FRANK HATHERLY, constituíram, entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «LUSORTA — SOCIEDADE EXPORTADORA DE PRODUTOS HORTICOLAS, LIMITADA», fica com a sua sede e domicílio no lugar de Carrapateira, Herdade do Morgado da Aranha, freguesia e concelho de Aljezur, e durará por tempo indeterminado.

SEGUNDO — O seu objecto consiste no exercício do comércio de produtos agrícolas, pecuários e de floricultura, incluindo a importação e exportação de tais produtos, e, ainda, o exercício de qualquer outro comércio que venha a ser deliberado em assembleia geral.

TERCEIRO — O capital social é de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios, a saber: Antonius Johannes Goemans — quatrocentos mil escudos; Henry Mário Frank Hatherly — cem mil escudos.

QUARTO — Não serão exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela carecer, depois de fixadas, em assembleia geral, as respectivas condições, no que respeita a prazo, forma de reembolso e taxa de juro.

QUINTO — A cessão de quotas a estranhos depende sempre do consentimento da sociedade, à qual fica reservado, em primeiro lugar, o direito de opção, e, se a sociedade não quiser usar desse direito, competirá ele aos sócios.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — O sócio que pretender ceder a sua quota a estranhos comunicará à sociedade esse desejo, por carta-registada, com aviso de recepção, indicando o nome do pretendente, preço e condições da cessão, devendo a sociedade, no prazo de quinze dias, a contar da recepção daquela carta, comunicar, pelo mesmo meio, a deliberação que tomar quanto ao exercício do seu direito de opção.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Se a sociedade não quiser preferir na cessão da quota, deverá o sócio avisar os restantes sócios, pelo mesmo meio e com iguais indicações.

PARÁGRAFO TERCEIRO — No prazo de quinze dias, deverá o sócio que pretender usar do direito de opção informar o cedente, pelo mesmo meio, da sua intenção.

PARÁGRAFO QUARTO — Se mais de um sócio pretender usar do direito de opção, será a quota dividida entre os pretendentes, na proporção das suas quotas.

SEXTO — A administração da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, serão exercidas pelos sócios, que ficam nomeados gerentes, dispensados de caução e com ou sem remuneração, conforme for decidido em assembleia geral.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — A sociedade fica obrigada pela assinatura de qualquer dos sócios, Antonius Johannes Goemans ou Henry Mário Frank Hatherly, nos actos de expediente geral e assinatura de cheques. Todavia, nos casos que envolvam compromissos ou obrigações, tais como aquisições e alienações de património social, arrendamentos e outros contratos, bem como a intervenção em letras e compromissos bancários, será indispensável e obrigatória a intervenção conjunta dos sócios-gerentes Antonius Johannes Goemans e Henry Mário Frank Hatherly.

PARÁGRAFO SEGUNDO — Qualquer dos sócios-gerentes poderá delegar os seus poderes, mesmo em pessoa estranha à sociedade, no todo ou em parte, mas, neste caso, a sociedade só ficará obrigada desde que a assinatura de um dos mandatários seja acompanhada com a de um dos outros sócios-gerentes não mandatários.

PARÁGRAFO TERCEIRO — É proibido aos gerentes, delegados ou procuradores assinar em nome da sociedade quaisquer actos ou documentos a ela estranhos, nomeadamente letras de favor, fianças ou cações.

SETIMO — A sociedade não se dissolve pela morte ou interdição de qualquer sócio.

PARÁGRAFO PRIMEIRO — Em caso de morte ou interdição de um sócio, os seus herdeiros ou representantes exercerão em comum os direitos do falecido ou interdito, mas deverão indicar de entre eles um que a todos represente na sociedade.

PARÁGRAFO SEGUNDO — É expressamente proibida a divisão de quotas, ressalvado, porém, o disposto no parágrafo quarto do artigo quinto.

OITAVO — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios com a antecedência de quinze dias, salvo os casos para que a lei exija outra forma de convocação.

NONO — O ano social é o civil.

DÉCIMO — Os lucros apurados em cada balanço anual, líquidos de todas as despesas sociais e depois de deduzida a percentagem mínima para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios, proporcionalmente às suas quotas.

Lisboa, Décimo Cartório Notarial, a cargo do Notário Licenciado Abílio António Belo Tavares Cadete, aos doze de Outubro de mil novecentos e setenta.

A Ajudante,

Maria Luísa Galveias Andrade

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Anúncio

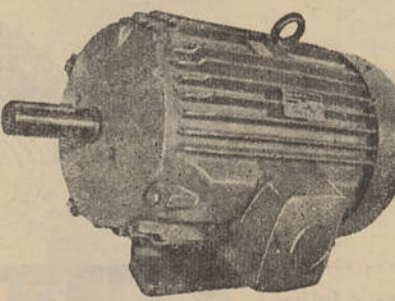
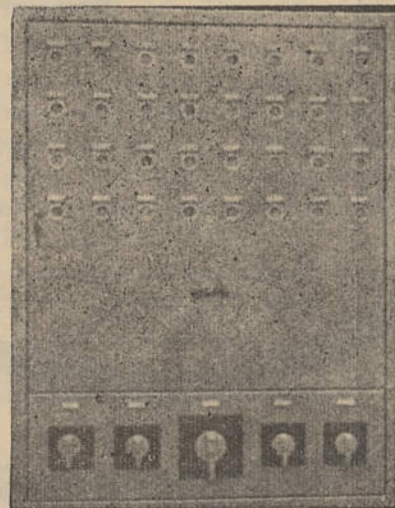
ANTÓNIO MANUEL CAPA HORTA CORREIA, Licenciado em Finanças, Presidente da Câmara Municipal deste Concelho:

Em cumprimento da deliberação deste Corpo Administrativo tomada em sua reunião ordinária de 9 do corrente, faço saber que se aceitam propostas para a concessão do exclusivo de publicidade no interior do Mercado de Verdura desta Vila, devendo as respectivas propostas dar entrada na Secretaria desta Câmara Municipal até às 12 horas do dia 23 de Novembro próximo.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, aos 16 de Outubro de 1970.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia



BOBINAGENS: de todos os tipos de máquinas eléctricas.

FABRICO: de quadros eléctricos de todos os tipos.

MONTAGENS: de Alta e Baixa tensão.

HIDRÁULICA: montagens hidráulicas de todos os tipos.

Bombas, captações, tratamentos de água.

MECÂNICA: Construções e reparações.

Gabinete de Estudos e Projectos

STAND: Exposição e venda de máquinas e peças de substituição.

Electro Mecânica de Lagos

de Eng. Baptista Gomes

Oficinas

Stand

R. da Laranjeira, n.º 12

R. Cândido dos Reis, n.º 23-25

MUTUAL

Armazém em Olhão

Junto à doca de pesca, acabado de construir, boa área — ALUGA-SE.

Informa: telefone 72173.

JORNAL DO ALGARVE
N.º 709 - 24/10/970

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE LAGOS

Anúncio

Faz-se saber que no dia 3 de Novembro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal Judicial da Comarca de Lagos, na execução sumária que Dr. José Maria Carrilho Madeira, casado, médico, residente em Aljezur move contra João Cavaco Júnior e mulher Virgínia da Conceição Santos, proprietários, residentes em Aldeia Velha — Aljezur, que corre termos nesta Secretaria Judicial, há-de ser posto em praça, pela segunda vez, para ser arrematado pelo maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o seguinte prédio penhorado àqueles executados:

O direito da nua propriedade, duma courela de terra de semear, vinha e árvores e casas de habitação, no sítio da Aldeia Velha, freguesia de Aljezur, que confronta do norte com Doutor José Carrilho Madeira e Outros, sul com João Cavaco Júnior, nascente com estrada e Doutor Mendonça e Costa e poente com caminho de Aldeia Velha, inscrito na matriz sob os artigos dois mil cento e oitenta e quatro e um quarto dos artigos dois mil quinhentos e trinta e cinco rústico e sob o artigo mil trezentos e quinze urbano. É usufrutuário do imóvel descrito o Senhor José Francisco Guerreiro Cuco, viúvo, proprietário, residente em Aljezur.

Vai à praça por cinquenta mil escudos.

Lagos, 8 de Outubro de 1970

O Juiz de Direito,

(a) Manuel Sequeira Constantino

O Escrivão de Direito,

(a) José Carlos Palma Lucas

SERVICE OFICIAL DIESEL
BOSCH — CAV — SIMMS
PESSOAL ESPECIALIZADO
MAQUINAS ELECTRONICAS
EXECUÇÃO RÁPIDA
Ao seu dispor nas
OFICINAS ARMANDO
DA LUZ
ZONA DO DIQUE — Tel. 2405
PORTIMÃO

Aluga-se em Lagos

Apartamentos em 1.º andar acabado de reconstruir na Praça Gil Eanes e Rua Lima Leitão, para escritório, cabeleireiro ou qualquer ramo. Trata: Francisca da Cruz Reis, Rua António José de Almeida, 7 — LAGOS.

MINIALFA — 1 E 2

A ELECTROBOMBA QUE MAIS SE VENDE EM PORTUGAL «SOALFA», a mais completa gama de Electrobombas
Electrobombas para água sob pressão
Electrobombas para vinho e líquidos especiais
MOTORES ELÉCTRICOS PARA TODAS AS INDÚSTRIAS
Robobinagens — Balastros
IREL—Rua de S. Mamede (ao Caldas) 30 G — LISBOA

Parabéns, Messines!

(Conclusão da 1.ª página)
sito das possibilidades da grande capital do Algarve, Faro, que há longos anos deveria ter criado o primeiro Jardim-Escola João de Deus da Província e ainda o não fez; eis que a pequenez de tamanho, de recursos, de população e progresso desta abençoada aldeia de Messines prova à cidade-maior do distrito que a vontade dos homens é que ultrapassa as montanhas e, graças a ela, e ao dinamismo e coesão de um grupo de admiradores do autor da Cartilha Maternal e das suas rimas suaves e refrescantes como a água cristalina das fontes, valeu por todo o povo algarvio! Trabalhou, insistiu, agiu, reivindicou e obteve, afinal, os subsídios necessários para dar vida a uma obra de ternura e de solidariedade, tão necessária e tão pouco acessível a todas as crianças do nosso País. Mau grado as vozes de alerta, Portugal continua sem ensino infantil ao nível oficial, embora a todo o momento aguardemos que a forte personalidade e o firme querer do actual ministro da Educação remedeie esta lacuna grave e estranha. Só algumas cidades e raras vilas portuguesas estão à altura da situação e, embora a preços elevados para a vida económica dos agregados familiares,

atendem um limitado número de casos. A maioria dos seres, com menos de 7 anos de idade, como se preparam para a vida? Numa época de apreensões pela subsistência, em que tantas mães precisam de abandonar os filhos e os lares, ao longo do dia, para equilibrar a balança dos gastos, torna-se imperioso e urgente que a corajosa e decidida luta do prof. Veiga Simão, que pretende proporcionar o ensino a todas as gentes, não exclua as crianças sem idade para a Escola Primária e para elas sejam criados, gratuitamente, muitos Jardins-Escolas por esse Portugal fora.

A infância messinesa está de parabéns como, aliás, toda a aldeia e, de forma inesquecível, os obreiros desta fazanha. Com eles é que os farenses devem aprender a vencer os escolhos e as indiferenças que obstruíram a intenção de ser a grande urbe (onde o busto de João de Deus se ergue num lindo jardim à beira-ria e onde o Liceu Nacional já ostentou longos anos o seu nome como patrono), a primeira terra algarvia a colher os frutos da obra do grande vate e de seu filho, o dr. João de Deus Ramos que ergueu, estruturou e espalhou a semente que floresceu em várias terras portuguesas onde as suas crianças aprendem pelo método de João de Deus.

Parabéns, messineses, pela alegria vivida agora e pela serenidade e confiança na preparação futura dos vossos filhos e filhas. Que não tarde a construção nem se olvide o substancial auxílio da Fundação Gulbenkian, nem a doação do terreno e dos donativos de todos os particulares, acrescidos da verba concedida pelo Ministério das Obras Públicas. Ao júbilo destes momentos juntamos o desejo de que Faro e outras terras do nosso Algarve imitem S. Bartolomeu de Messines. Todos os pequeninos precisam que pensemos neles e por eles lutemos. A arrancada está feita, a imitação há-de ser mais fácil e viável: a força de vontade é que tem a dizer a sua palavra. Avante, algarvios! Messines ergue o seu facho, a abrir caminho para a seguirmos. Os meninos algarvios continuam à espera.

M. Odete L. da Fonseca

Toma-se de renda

5/10 000 m2 de terreno para agricultura em Cacela, Altura ou proximidades. Indispensável água abundante e talvez luz.
Resposta indicando localização e preço de renda anual, a este jornal ao n.º 13 521.

Máq. Cost. Husqvarna

Dão-se agências nas localidades disponíveis. Importador — Rosário e Marques — Rua Soc. Farmacêutica, 43 — r/c Dt.º Lisboa-1.

Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório e Caixeiros do Distrito de Faro Assembleia Geral Ordinária CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea a) do Art.º 28.º dos Estatutos deste Sindicato convoco a sua Assembleia Geral a reunir ordinariamente no dia 27 do próximo mês de Novembro, às 20,30 horas, na Sede, Rua de Santo António, 49-1.º F., desta cidade, com a seguinte ordem de trabalhos:

Apreciar e votar o orçamento ordinário para o ano de 1971.

Faltando o número legal de sócios, a Assembleia funcionará uma hora depois com qualquer número.

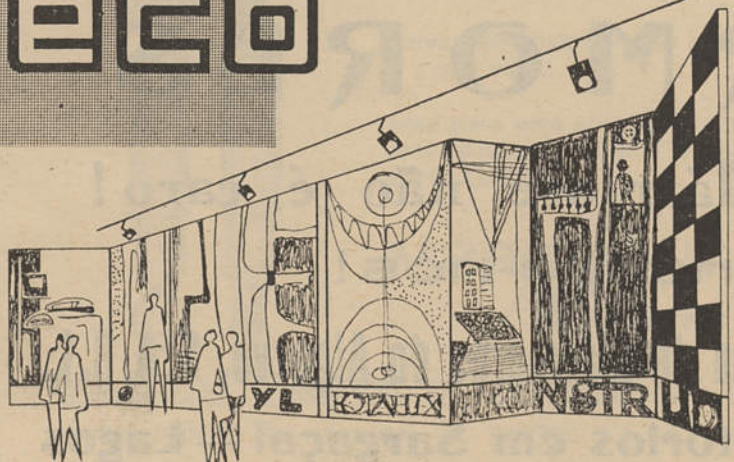
Faro, 20 de Outubro de 1970

O Presidente da Assembleia Geral,

(a) Amílcar Nepomuceno Aleixo Fazenda

centeco

AFIXAÇÃO DE CARTAZES
CAMPANHAS
EXPOSIÇÕES
IMPRESA



CENTRO DE PUBLICIDADE E MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
RUA ALMEIDA GARRETT, 57-A - TEL. 24217 - FARO - RUA Dr. JUSTINO CUMANO, 13

SENHORAS

Organização idónea

Necessita para admissão imediata, Senhoras habilitadas, para o seu sector de automóveis de aluguer sem condutor.

EXIGE-SE:

- Boa apresentação.
- Cultura média.
- Carta de condução.
- Fluência em Inglês e Francês.

OFERECE-SE:

- Categoria: Recepcionista
- Colocação: Para Faro ou Praia da Rocha.
- Lugar de futuro com boa remuneração.

Resposta ao Apartado 97 em Faro

Em Campos de Alte-Tôr: Momento de escolher a cooperação

(Conclusão da 1.ª página)

nidade e sem libertinagem se poderá ir abolindo as fronteiras escravizantes entre a cidade e os campos.

Pois a gente da Tôr e de Alte, sabe que o futuro deverá ser sempre a confirmação do atraso deste presente que vivemos, ainda que nos campos em redor não se note que o presente seja a confirmação do atraso do passado. É por isso que este é o momento de escolher. E nenhuma entidade, nenhuma instituição de hoje, nenhum organismo pode para já substituir a vontade dos homens que trabalham e possuem naquelas bandas: é exclusivamente deles o momento de escolher.

Pedro Xavier

TINTAS «EXCELSIOR»

Viagem-relâmpago pelo Barlavento

(Conclusão da 1.ª página)

tanto espaçados, com a sensação de que este importante meio de orientação poderia e devia ser mais preciso. Parece que ainda conservamos um espírito de mesquinhez hereditária, de rabinho alçado até nas coisas mais modernas. Vimos-nos um pouco embaraçados porque nos parques de estacionamento (estarão noutros locais mais escondidos?) mal cabem uns quantos carros. O que temos na frente é inegavelmente majestoso. Os pequenos arranha-céus, sentinelas de cal ferro e cimento, têm arquitectura sóbria, de traços sem arabescos audaciosos e espampanantes. Fazem-nos lembrar os reclames da TV, os espirros da pimenta e as sugestivas propagandas comerciais. Pois, pois... não será assim?

É um complexo impressionante

no areal sem fim, traçado sem inspiração pombalina, como que a dar a ideia do capricho momentâneo de um banqueiro predestinado que, virando nos taçoes, faz um ângulo de 30º e ordena: faça o primeiro aqui, o segundo ali e o terceiro acolá! Quanto às casitas ao lado desses «monstros», são pigmeus na mesma ordenação singular. Parece que foi a resposta do empreiteiro seguindo a ordem do construtor na mesma aparente «desordenação». Ou talvez não...

No meio destas respeitáveis «torres» já ao serviço activo, para endinheirados estrangeiros e nacionais, há pequenos passeios de flores e relvados a despontar. Inicialmente a exploração comercial continua a gigantesca tarefa de edificar, pois há prédios em fase de acabamento e outros simplesmente a meio. Este pequeno mundo turístico vai dar muito que falar.

A piscina, limpa como um espelho estava a convidar. Excelentes nadadores entretinham-se a mergulhar a cabeça uns dos outros numa demonstração ostensiva de fôlego. Não será um dia demasiado pequena para aquela grandeza em embrião?

A praia é ótima, numa extensão a perder de vista. Macia como veludo, tem a sedução dum caracol mágico, onde embarquem pequenos e adultos. Uma organização de respeito onde os capitais portugueses felizmente não recuaram envergonhados e tímidos, numa prudência calculada, perante os estrangeiros que têm olhos de linco quando lhes cheira a vacas leiteiras.

Num tal requinte de luxo, sentimo-nos pouco à-vontade, uma espécie de zero à esquerda. Lobrigámos um patricio que nos iria servir de cicerone em tão opulento cenário. Porém, ó trágico dissabor! nem deu uma «unha» de confiança. Antigo e convicto «humanista», que conhecemos no esplendor de explosões fraternais e idealismos de doutrinação à Rousseau deu-nos as costas com superior altivez.

Abandonámos a Torralta sob uma opressão mal dissimulada, fazendo mil e uma conjecturas e lamentando a insolente atitude do antigo «filósofo», o qual, diga-se de passagem, sofre o complexo da expulsão compulsiva dum trono de seda muito recentemente roído pela traça. Era caso para perder as estribelas, mas depressa foi esquecido.

F. Clara Neves

Câmara Municipal do Concelho de Alcoutim ANÚNCIO

Faz-se público que, no dia 18 de Novembro de 1970, no edifício dos Paços do Concelho, pelas 15 horas, e perante esta Câmara Municipal, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de «Construção da E. M. 507/2, de Guerreiros do Rio (E. M. 507) à E. N. 122 — 4.ª fase — Pavimentação do P1 ao P19T na extensão de 676,57 m1».

Base de licitação 116 356\$00

Para ser admitido a concurso é necessário:

a) Que o concorrente tenha efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas Filiais, Agências ou Delegações o depósito provisório de 2 908\$90 (dois mil novecentos e oito escudos e noventa centavos), mediante guia preenchida pelos próprios concorrentes.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto da obra estão patentes na Secretaria desta Câmara Municipal e na Direcção de Urbanização de Faro, todos os dias úteis durante as horas de expediente.

Alcoutim, 19 de Outubro de 1970.

O Presidente da Câmara,

António Joaquim Felício Júnior

aprovada para todo o serviço! BEDFORD CF



- Peso bruto 2.500 Kgs. ou 2.336 Kgs.
- Peso disponível para carga - 1270, 1192, 1122 ou 1044 Kgs.
- Volume de fourgon - 5,24 m³
- Motor de gasolina de 1.600 cm³ - potência 72 BHP
- Motor de gasolina de 2.000 cm³ - potência 89,5 BHP
- Motor diesel de 1.800 cm³ - potência 52 BHP
- Travões de duplo circuito assistidos a servo-freio
- Suspensão dianteira independente

FARO FARAUTO PORTIMÃO
Telef. 2 30 3217 - *Limitada* Telef. 3 32 16

O ALGARVE QUE HÁ POUCO VIMOS

(Conclusão da 1.ª página)

conduzir à terra, pois por mais estranho que pareça nenhuma das três estações que servem Paderne tem um transporte colectivo em ligação com os rápidos ou correios, tendo cada padernense que para ali se desloque, de dispor de transporte próprio, ou avisar a família com a devida antecedência para o irem buscar na tradicional carroça algarvia ou em cavalgadura, com todos os inconvenientes que isto acarreta. Ou então de dispor de pelo menos noventa escudos para ida e volta.

Fugindo muitas pessoas dos inconvenientes apontados, pelo incómodo que causam, ou impossibilitados de poder arcar com aquela despesa sempre que desejarem, passam muitos a curtir a saudade, até que da sua terra quase se esquecem.

Uma vez em Paderne, para iniciar a faina a que fomos destinados e ainda a de visitar familiares e amigos, as férias esgotaram-se depressa, não chegando a concretizar a segunda parte do programa, por ter sido pródiga a natureza contemplando o indígena com frutos em abundância, e mais os homens, que ainda não acharam maneira eficiente e prática de fazer uma recolha em boas condições, económica e rápida na medida do possível, pois os processos são os mesmos desde há centenas de anos, quando o tempo não custava dinheiro.

O Algarve que vimos está votado ao mais completo abandono de que há memória, e por este andar daqui a poucos anos nada restará daquilo que os antepassados nos legaram com tanto carinho, sangue, suor e lágrimas. Muitos campos não são lavrados no devido tempo, as figueiras não vêem cava há um ror de anos e o arvoredo apresenta-se mal cuidado, anunciando uma derrocada breve, por não ser renovado com novas plantações.

A mão-de-obra escassa e a que ainda se apresenta é de inferior qualidade e rendimento, pois nela se empregam homens e mulheres que já nada deviam fazer em face da idade e mau passado.

O individualismo predomina, como em quase todo o Algarve agrícola, vendo-se com frequência o homem e o burro de cangalhas com duas canastrinhas de figos ou sacos de alfarroba, esforço de um dia de trabalho que traduzido em ca-

pital mal chega para pagar ao dono da mercadoria e propriedade, quanto mais ainda para o animal, contribuições e sustentar a família. O pequeno proprietário que por ali se arrasta, é geralmente velho, por já não poder fugir para a estranha ou arranjar outro modo de vida, estando sujeito à fábula da formiga e da cigarra, com a agravante de ter trabalhado como a primeira e ver-se como a segunda.

A agricultura é nula de lucros, umas vezes devido à acção climática, outras às culturas rotineiras, que em face das sempre crescentes despesas em adubos e mão-de-obra nada deixam: note-se que ao falarmos com frequência no custo da mão-de-obra, fazemo-lo em relação aos produtos que se vendem.

Os oportunistas estão na ordem do dia, pois, como nós, dezenas de funcionários doutros sectores da vida nacional descem às suas terras para a recolha e o pequeno proprietário está desajeitado de ver chegada a hora das primeiras vendas, para satisfazer os seus compromissos. Sabendo-o, baixam os preços, alguns em vinte escudos por arroba, vendendo-se presentemente como há dez ou mais anos.

A pecuária é ainda a melhor receita, quando normal, dedicando-se muitos à criação de vacas leiteiras que exploram com crias vindas de outras regiões, aproveitando assim o leite na cria de dois bezerros. Está tão em voga a criação de leitões que seria uma boa achega se não fosse a «morrinha», como lhe chamam, que no curto espaço de tempo que ali permanecemos vitimou animais de valor superior a 60 contos, depois das enormes despesas em farinhas e trabalho após um dia normal. O que vimos de positivo nessas gentes foi a grande vontade de progredir sem saber como. Para começar, dentro das suas fracas possibilidades e à custa de grandes sacrifícios mantêm os filhos nas escolas secundárias, em número bastante elevado em relação a outros tempos, alguns em cursos superiores. Muitos deles, fazendo vista grossa à vida dos pais, por terem outra diferente, desprezam os duros trabalhos do campo, enquanto se estiolam nas praias ou passam o tempo alheios ao drama que se desenrola em seu redor: salvo raras excepções, sabemos existirem alguns mais compreensivos e ainda vimos uma se-

Aluga-se em Lagos

No melhor ponto da cidade, parte de casa mobilada a um casal ou duas senhoras. Informações pelo telefone 124, de Lagos.

nhora professora primária ajudando amigos na recolha da novidade. Até quando durará este drama? Ninguém sabe, e muito menos como sair dele. Para nós será quando os homens se convencerem de que nada podem fazer sós, sendo necessário que a união de interesses e esforços se conjugue para romper com uma exploração agrícola retrógrada e rotineira, iniciando novos processos de recolha, manipulação e industrialização, com a criação de sociedades agrícolas que englobem os agricultores de uma ou mais freguesias ou sítios, conforme os interesses comuns.

Tendo em vista todo o enorme esforço que para isso será preciso, tentou-se muito debilmente fundar o Grupo dos Amigos de Paderne, com o fim de através de conferências por pessoas esclarecidas e especializadas em tais assuntos, se irem mentalizando os habitantes para uma nova era de renovação do Algarve, tão admirado e querido dos visitantes, mas onde os naturais se debatem em luta inglória.

F. Teodósio Neves

JANELA DO MUNDO

(Conclusão da 1.ª página)

e a nova esperança que as suas palavras levaram ao coração dos francófilos canadenses.

Estávamos, porém, longe de esperar que acontecesse algo de semelhante ao que se passou e que só veio confirmar a organização da F. L. Q. e a actualização dos seus métodos.

Anteriormente a bomba era a arma de reivindicação dos terroristas e os seus atentados tiveram períodos intensos de mortos e feridos. Os dois últimos raptos parece, no entanto, que anunciam nova política, ou novos métodos dos separatistas. Os 23 prisioneiros cuja libertação eles pediram em troca dos reféns constituem, também, prova de que a polícia conhece alguns dos fios que manobram a organização.

Parece-nos, no entanto, inadmissível, que num país como o Canadá se estejam a empregar os mesmos métodos do Uruguai ou dos guerrilheiros palestinos. Mas assim é.

Será que a Frente de Libertação do Quebec estará consciente da sua força para desencadear um movimento separatista no seio de um país que há longos anos vive sob a mesma bandeira? Ou começamos agora um período duro de represálias com métodos extremistas condenados até por muitos elementos francófilos? Porque existe no Canadá, ao lado da F. L. Q., o P. Q., ou seja, o partido separatista por meios legais.

Os quebecistas, desta vez, exageraram e é natural que o seu movimento esteja condenado a uma vida efémera porque os seus novos métodos colocam-nos definitivamente na ilegalidade. Espera-se agora um duro período de represálias e será difícil pensar que possam coexistir ao lado das forças da ordem quando eles próprios escolheram o caminho pior para o diálogo.

Por estes processos de subversão não é natural que algum dia possam ver a realização dos seus utópicos projectos. Se é que eles têm qualquer viabilidade de êxito.

Mateus Boaventura

Pereiras

Disponho das seguintes variedades para entrega na época corrente: Lawson (ou pera nata); Rocha; Pérola; William's; Carapineira; Beurré Hardy; etc. etc.

Pessegueiros

Disponho das variedades seguintes: Cardinal; Califórnia; Mexicanos; J. H. Halle; Burbank July Gold; Springtime; Dixrede; E. A. 68-50; Redhaven; etc. etc. Disponho de Macieiras; Ameixieiras; Citrinas e outras mais variedades de árvores.

VIVEIROS DA QUINTA DO OLHEIRO de José de Assunção Batista

Tapada de Ceira - COIMBRA - Telefone 92164
Enviem-se Catálogos Grátis a quem os requisitar

CORREIO de LAGOS

VENDE-SE LEITE SEM SER ANALISADO?

Temos motivos para crer que em Lagos se está vendendo leite sem ser analisado, pois muitas pessoas se nos têm dirigido dizendo que após a fervura se solidifica numa coagulação, e outros se nota ausência de gordura.

Ora, o leite analisado é vendido em bilhas seladas e assim, aos consumidores compra verificar se o que recebem provém de tais bilhas. Caso contrário devem formular reparos, e se a prática continuar não lhes ficará mal dar conhecimento à P. S. P. para as necessárias providências.

Sabemos de consumidores que lesados por mais de uma vez, resolveram substituir a refeição de leite por fruta. Mas como há casos de doentes que não poderão seguir este exemplo, esperamos que tudo se encaminhe para evitar a venda de leite sem ser analisado.

AS NOSSAS PRAIAS ESTÃO CARECIDAS DE PROTECÇÃO E VIGILANCIA

Sem duvidarmos da boa intenção dos que presidem à Comissão Regional de Turismo, porque agora e sempre nos animou o desejo de colaborar por quantos são por um Algarve maior e melhor, ousamos defender mais protecção e vigilância nas nossas praias. Não o fazemos para nos impormos em qualquer aspecto, mas porque os factos demonstram a necessidade dessa protecção e vigilância.

Os reparos de nacionais e estrangeiros avolumam-se por ausência de limpeza, e isso mostra que a vigilância é, ou nula, ou pouco menos.

Desastres mortais, felizmente não têm sido registados, pelo menos na Costa de Oiro, porque surgem, como no passado dia 4 aconteceu, homens decididos e arrojados que não hesitam em arriscar a vida para salvar o semelhante. Na praia do Pinhão, pequena em dimensão, mas grande em afluência de nacionais e estrangeiros, se não fora a intervenção de José Pinheiro do Nascimento, a menina Anabela Patrício talvez tivesse perecido.

Necessidades de Loulé no ensino técnico e secundário

(Conclusão da 1.ª página)

um panorama dos mais tristes e precários que é possível imaginar.

Para já, uma solução se impunha e era a da aquisição do edifício do extermato, que os seus proprietários cedem pelo preço do custo e no qual se instalaria uma secção do Liceu de Faro, com a lotação ultrapassada e sem possibilidade de remédio nos anos mais próximos.

Loulé, além de uma vila de amplas ruas e avenidas, é uma terra em franco progresso na construção civil e onde as rendas das casas não atingem o despropósito dos grandes centros urbanos. Poderia, portanto, oferecer, quer aos pais dos alunos que atrás dos mesmos, normalmente se deslocam, quer ao corpo docente que viesse a fazer parte dessa Secção Liceal, uma situação económica mais favorável do que aos que têm de seguir para Faro, único centro do Sotavento do Algarve onde por enquanto se ministra o ensino secundário.

Há realmente coisas inexplicáveis neste País e esta é, decerto, uma das que bradam aos céus. Pois se o ensino técnico e secundário é ministrado em escolas e edifícios sem qualquer condição funcional, porque se há de perder, por encerramento, o edifício onde funciona em condições favoráveis o actual Externato? Se os seus proprietários estivessem a especular com o custo do mesmo, poderia compreender-se qualquer hesitação. Mas se estes se limitam ao preço que lhes custou a instalação há mais de 15 anos e se ainda podem facilitar a sua liquidação em prazos alongados, não compreendemos como se hesita em resolver um problema de tal valor social, que, só por si, aconselharia uma decisão rápida, urgente e imediata. R. P

dário é ministrado em escolas e edifícios sem qualquer condição funcional, porque se há de perder, por encerramento, o edifício onde funciona em condições favoráveis o actual Externato? Se os seus proprietários estivessem a especular com o custo do mesmo, poderia compreender-se qualquer hesitação. Mas se estes se limitam ao preço que lhes custou a instalação há mais de 15 anos e se ainda podem facilitar a sua liquidação em prazos alongados, não compreendemos como se hesita em resolver um problema de tal valor social, que, só por si, aconselharia uma decisão rápida, urgente e imediata. R. P

Trespasa-se

O Café Pescador, na Avenida da República, n.º 48, em Vila Real de Santo António, por motivo de os proprietários não poderem estar à testa. Quem pretender, dirija-se ao local.

CHÁ DE HAMBURGO

LEGÍTIMO
Estimulante digestivo
BOA DISPOSIÇÃO PARA TODO O DIA
Benefícios nas perturbações das vias urinárias
À venda nas farmácias

IMAAL

MÁRMORES

O nosso Mármore não é caro!
Consulte-nos!

IMAAL — Indústria de Mármore do Algarve, S.A.R.L.
Fábrica e Escritórios em Sargaçal — Lagos
Telefones 284 - 299 - 480
Telex 1744

Não há locais de salvamento; e os sinais que indiquem se deve ou não tomar-se banho só existem nas praias de mais nomeada, e porque bem vistas as coisas todas carecem de vigilância e protecção, que nos seja dado ver a adopção de medidas que proporcionem aos banhistas a tranquilidade e precisão para se sentirem no mar como se em terra estivessem.

OS PRODUTORES NAS MÃOS DOS EXPORTADORES

Que os produtores não têm quem os defenda dos exportadores, demonstram os factos.

Surge um ou outro exportador que respeita os compromissos tomados com os produtores, mas a maioria está a pedir mão de ferro para que o prometido seja cumprido.

Vem o presente desabafo a propósito do que se está passando com os figos que apalavrados por preços não compensadores mas aceitáveis dada a desorganização da lavoura, acabam por ser pagos pelo que os exportadores entendem, dando azo a cenas desoladoras. Enumerá-las seria se não impossível pelo menos fastidioso, tanto mais que exportador de nomeada já defendeu publicamente que os produtores deveriam preferir a plantação de figueiras à de citrinos, dando assim esperanças aos produtores de figos. Triste é referirmos porém, que este senão directamente, através dos seus representantes em locais como Lagos, não têm fugido à regra que nos atrevemos a classificar de especuladora.

Recentemente, até aconteceu algo que levou um produtor a apresentar queixa à P. S. P. Então assim os produtores se não desamparados pouco menos, visto que os Grémios, criados para defender os seus interesses, salvo raras excepções por pouco mais servem que para cobrar quotas e com o produto destas manter os empregados.

É como Lavoura sem protecção equivalente a lar sem pão, os produtores de quem de direito, poderiam ter bombar termo às câmaras a que os produtores estão sujeitos, porque os seus Grémios, na maioria, se revelam incapazes de agir a bem dos interesses da lavoura.

UM SUPERMERCADO NO ROSSIO DA TRINDADE

A zona do Rossio da Trindade que de dia para dia se torna mais populosa pela situação privilegiada que desfruta, estava carecida de um supermercado. E este surgiu junto ao Campo de Jogos, prometendo, porque o seu proprietário, vai conseguindo alguns gêneros alimentícios por preços inferiores aos do mercado, beneficiar assim os consumidores.

Em recente visita ao mesmo, notámos porém que o pequeno largo que lhe fica fronteiriço, não abona pelo mau aspecto que oferecem as matérias excedentes de obras efectuadas há bastante tempo e detritos que em redor dos mesmos se avolumam.

Alguém nos disse que o sr. presidente do Município já tinha reparado em tal, e ia tomar providências no sentido do embelezamento do largo. Que tudo pelo trabalho para breve seja há bastantes votos, pois se a melhoria se estender ao troço da estrada que vai da Praça de Armas até ao Hotel Golfino, onde são notórios os estragos na calçada das bermas, que tendem a aumentar logo que surjam as chuvas, estaremos todos de parabéns.

JURAMENTO DE BANDEIRA

No passado dia 16 decorreu o juramento de bandeira dos recrutados do 2.º subturno da 3.ª E. R./70 do C. I. A. 5.

Notámos com pesar, que algo falta que empreste à cerimónia a vida própria de acto tão solene, pois mesmo perante a patriótica e vibrante alocação do sr. aspirante Barreto, foi notória a ausência de aclamação por parte da assistência.

Lembramos com saudade as manifestações de vida nos primeiros juramentos de bandeira do C. I. C. A. 5 e formulamos votos para que voltem a registar-se.

OBRIGADO A F. CLARA NEVES

F. Clara Neves que não temos a honra de conhecer, mas que a avaliar pelo que tem escrito no *Jornal do Algarve* nos superioriza em todos os sentidos, a propósito da sua viagem-relampago pelo barlavento, destaca o signatário no seu querido relato dedicado a Lagos com palavras que o sensibilizaram a ponto de as lágrimas lhe rolarem pelas faces.

Nos tempos decorrentes a matéria sobreleva o espírito, e assim, os que sentem a necessidade de irmos mais além defendem que nos concentremos nas obras da Natureza, para que, inspirados nelas, possamos ganhar terreno nos campos espiritual, cultural e artístico, nos quais se afigura possível desenvolver ideias sinceras que contribuam para fortalecer o espírito e, consequentemente, estreitar relações com criaturas que humildes de nascimento podem servir de guias nos destinos da humanidade.

F. Clara Neves, focando o que de belo Lagos oferece em todo o seu Costa de Oiro, deixou bem vincado o apreço em que tem as obras da Natureza, animando-nos a prosseguir na defesa dos interesses deste privilegiado rincão algarvio, que não tendo sido berço do signatário, o acolheu a quando do ingresso nas fileiras do Exército, já lá vão 63 anos e o tem amparado apesar do ódio que alguns dos seus filhos por ele nutrem, dadas as verdades apontadas no *Jornal do Algarve*, que em nosso modesto entender é dos que mais tem pugnado pelos interesses da Província. Obrigado, pois, a F. Clara Neves, e que lhe seja dado distinguir quantos pelo seu amor às belezas da Natureza, vão procurando desenvolver atitudes espirituais, as que mais importam para a paz que todos ambicionamos.

Joaquim de Sousa Piscarreta

O JORNAL DO ALGARVE vende-se, em Vila Real de Santo António, na Havaneza — Rua Teófilo Braga.

Prédio em Faro

De 5.º andar, novo, construído contra sísmos, numa das melhores artérias de Faro (frente ao Hotel EVA, onde está instalado o Stand da FIAT), VENDE-SE todo ou por andares.

Quem pretender dirigir ao proprietário — CAFÉ MADEIRA — FARO.

CARTAS à Redacção

Esclarecimento sobre o Tauródromo vila-realense

Sr. director,

Tem esta o fim de felicitar V. pela «Carta aberta aos magnates da festa brava» publicada nesse jornal, no passado dia 10, pois foca o problema com toda a clareza e mostra a necessidade de ser modificada a orientação na exploração daquela Praça.

Mas não podia deixar de, por este meio, vir esclarecer um ponto, que a deixar passar sem reparo, pelo uso e com o tempo, viria a fazer esquecer a verdade. «Daí a César o que é de César», pois, naquela carta aberta, talvez por lapsos, se diz «Mas possui, por iniciativa do seu Município, um esplêndido Tauródromo, moderno, com grande lotação, que inexplicavelmente permanece fechado», etc. Ora, todos sabem que esse lindo Tauródromo, de que tanto nos orgulhamos, foi iniciativa de uma comissão, por mim presidida e composta pelos meus amigos Filomeno Marinho e Lino, que havíamos já iniciado a sua construção, com a ajuda do presidente do Município de então, sr. João Sanches e destinávamos a ser propriedade da Santa Casa da Misericórdia dessa linda vila. Só mais tarde, quando foi nomeado o actual presidente e compreensivelmente, vendo as dificuldades com que iam contar, para a terminar rapidamente, como impunham os interesses turísticos da vila, chamou a posse ao Município e a mandou terminar, pelo que todos nós devemos estar gratos, pois que ela tem contribuído não só para tentar aumentar a afeição, o que pouco se tem conseguido pela má qualidade das corridas, mas em especial para aqui trazer turistas em grande número e de todo o Algarve, como sucedeu nestas corridas do mês de Agosto último, pois suponho, atingiu-se número recorde.

Cumpre-me também esclarecer, que esse grupo de aficionados, do qual faço parte, não teve qualquer interferência, pois o seu modesto parecer não foi solicitado, a quando da abertura do concurso e depois, na adjudicação, pois tendo nós já assinado um contrato com aquela mesma empresa, que foi rescindido, por não termos acabado a construção da Praça, talvez se tivesse incluído por obrigatoriedade uma ou mais touradas, quer em Setembro na festa anual, quer em Outubro, na Feira da Praia. Talvez porém ainda haja remédio, fazendo para o ano essa festa a favor dos pobres, protegidos pela Santa Casa da Misericórdia, com a ajuda do povo vila-realense, e contribuindo assim também para melhor receber os milhares de turistas, que visitam esta linda vila, por essas alturas.

Pedindo desculpa da extensão, me subscrevo, com consideração

De V. etc.

Américo Jorge Burnett Lapido

Trespasa-se

em Lagos, c/ous/ recheio, restaurante «A Típica — Marisqueira», bem situado e bastante conhecido, por motivo do proprietário não poder dispensar-lhe a devida assistência.

Propriedade à venda

Junto a S. Brás de Alportel com água, lindo panorama e possibilidade de telefone e electricidade. Própria para construir casas de veraneio.

Informações: telef. 42203 ou 42311 — S. Brás de Alportel.

Land selling

Near S. Brás de Alportel with water, very nice view and possibilities fone electricity. Appropriate to build holidays houses.

Informations: Fones 42203 or 42311 — S. Brás de Alportel.

Navália

Sociedade de Construções e Reparações Navais, Lda.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura lavrada hoje, de fls. 34 v.º a 35 v.º do livro de notas para escrituras diversas n.º A-61, do notário do 2.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, abaixo assinado, foi alterado parcialmente o pacto da sociedade em epígrafe, com sede em Vila Real de Santo António, tendo sido substituído o art.º 5.º pelo seguinte:

«Art.º 5.º — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral, será exercida por 2 gerentes que podem ser sócios ou indivíduos estranhos à sociedade, conforme também for deliberado em assembleia geral, sendo sempre necessária a intervenção dos dois gerentes para a sociedade ficar obrigada, mas bastando a assinatura de um deles nos actos de mero expediente.

§ único — Aos gerentes é, porém, proibido obrigar a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em todos os actos e contratos estranhos aos seus negócios.

Está conforme o original.

Faro, 12 de Outubro de 1970

O Notário,

(a) **Januário Severiano Daniel dos Reis**

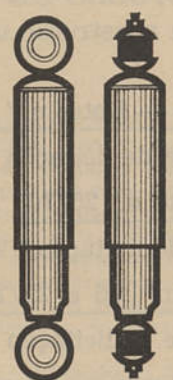
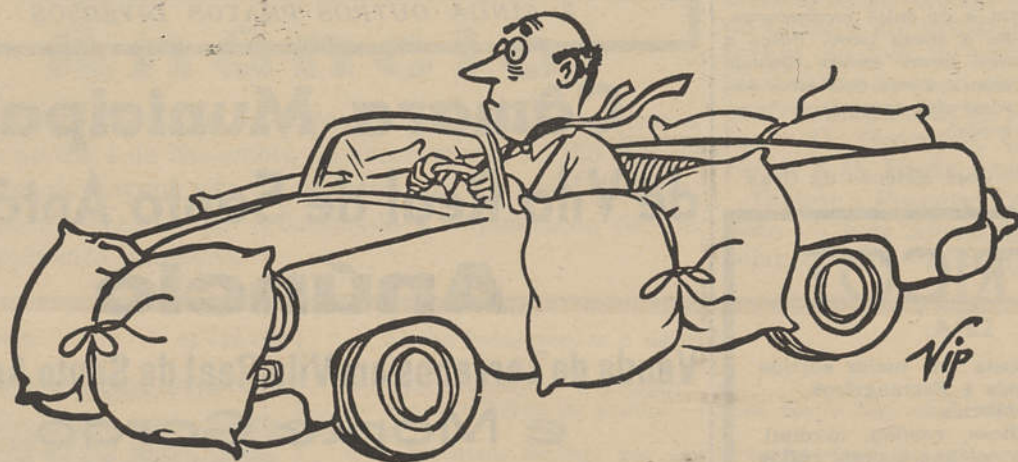
Pontes Eusébio

Médico especialista
Ovidos, Nariz e Garganta
Consultas diárias depois das 15 horas
Cons.—Rua de Santo António n.º 68—1.º Dio.
Telef. 23133
Res.—Av. de Olivença, 97-5.º Esq.
FARO

Arrenda-se ou Trespasa-se

Mercearia e miudezas, situada na Estrada de S. Luís, n.º 79, em Faro. Trata no mesmo local. Motivo doença.

PRETENDE SER UM CONDUTOR CUIDADOSO?



Talvez esta maneira não fosse má para proteger o seu carro e a sua vida...

Mas para uma solução melhor e mais prática, substitua os amortecedores velhos e sem acção por novos amortecedores GABRIEL.

MARÉMONT
/ Gabriel



AMORTECEDORES TELESCÓPICOS DE DUPLA ACÇÃO PARA TODAS AS MARCAS DE VEÍCULOS
REPRESENTANTES EM PORTUGAL • C. SANTOS S. A. R. L. • AV. DA LIBERDADE, 29-41 — LISBOA

Em FARO — Rua Dr. Cândido Guerreiro

Em O L H Á O — Estrada Nacional — Brancanes

Uma escolha de mestre

Aprenda este segredo secular, o segredo da perfeição. Aprenda a desejar o melhor dos sabores. Aprenda a conhecer o whisky que passará a ser O SEU WHISKY



Um produto da rede distribuidora **PROLAR**
DEPÓSITOS-FARO telef. 23669-TAVIRA telef. 264-LAGOS telef. 287
PORTIMÃO telef. 143-ALMANSIL telef. 34-MESSINES telef. 8 e 89
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
Estab. TEÓFILO FONTAINHAS NETO Com. e Ind., S. A. R. L.
Telex 01633-Teleg. Teof-Teof. 8 e 89-Gaixa Postal 1-S. B. MESSINES-Algarve-Portugal



Publicações

«NOTÍCIAS CULTURAIS DA ALÉM-ALMARIA» — O número de Agosto-Outubro traz elucidativo noticiário sobre Música, Ópera, Ballet, Artes Plásticas, Cinema, Televisão, Ciência, Vida Académica, Vida Religiosa e Educação.
«RUMO» — Recebemos o n.º 41, de Setembro, desta publicação mensal, de «cultura, desporto, arte, recreio, humor e curiosidades», com colaboração de Resende Ramos, Manuel Albino, Valdemar Pereira, Manuel Vieira e Vieira Mendes.

Sacerdote

que deixa saudades

SAO BARTOLOMEU DE MESSINES — A população desta aldeia está reconhecida ao rev. Manuel de Almeida Coelho. A todos, ele tinha comunicado um pouco do seu entusiasmo juvenil e do seu dinamismo. A sua curta passagem pela nossa terra veio mostrar-nos que, também os nossos jovens, sabem vibrar e doar-se aos grandes problemas do mundo contemporâneo, quando orientados por quem é sensível a tudo o que é belo e nobre.

As outras camadas da população sentiram-se arrastadas pelo entusiasmo dos jovens e todos comungavam no mesmo interesse. Estávamos esperançados que, desta acção conjunta de um sacerdote zeloso e de uma população dedicada, surgisse uma revitalização cristã e humana da nossa terra.

Subitamente, soubemos da sua retirada. Ficámos surpreendidos, interrogando-nos se haveria razões que a motivassem. Dado o carácter inesperado da saída, não nos foi possível organizar uma festa de despedida, à altura da nossa terra. Mesmo assim, um grupo composto por cerca de 40 rapazes e raparigas, juntou-se, inesperadamente, em torno do rev. Coelho, para lhe testemunhar o muito que haviam recebido dele e lhe oferecer uma simbólica lembrança.

Os messineses lembram com saudade a figura digna deste sacerdote dos nossos dias, fazem votos para que a sua acção apostólica seja sempre coroada de êxito, e desejam que, num futuro não muito remoto, possa vir revitalizar as gentes da nossa terra. — F. C.

Em Vila Nova de Cacela a feira de Santa Teresa registou grande animação

VILA NOVA DE CACELA — Realizou-se em 15 deste mês a tradicional Feira de Santa Teresa, este ano efectuada no largo das Escolas Primárias e terrenos limítrofes, por feliz deliberação da Junta de Freguesia. A feira esteve bastante concorrida e Cacela conheceu uma desusada animação, o que não sucedia nos anos anteriores, em que a feira funcionava a alguns quilómetros da localidade, em pleno campo. O comércio teve oportunidade de fazer negócio pela primeira vez neste dia e os cacelenses, com a feira «dentro de casa», animaram o amplo recinto com a sua presença. Fizeram-se boas transacções, principalmente em cereais e gados, o que prenuncia para os anos futuros maior afluência de vendedores, dado que a mudança do local se mostrou benéfica.

Segundo informações prestadas pelo sr. presidente da Junta de Freguesia, foi possível realizar-se a feira na localidade, mercê da boa vontade e colaboração do sr. presidente da Câmara e dos Serviços Municipalizados, que não regataram os meios necessários. Pedem-nos a Junta de Freguesia que sejam intérpretes, junto daquelas entidades, do seu público agradecimento, extensivo à G. N. R. de Vila Real de Santo António e Castro Marim, pela excelente colaboração prestada. — C.

TINTAS «EXCELSIOR»

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Instalações para Comércio do Parque de Campismo de Monte Gordo

Aceitam-se propostas em carta fechada, até às 12 horas, do dia 9 DE NOVEMBRO DE 1970, para arrendamento das instalações para comércio do Parque de Campismo de Monte Gordo, durante o período de 1 de Janeiro de 1971 a 31 de Dezembro de 1972.

As condições encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal.

Vila Real de Santo António, 12 de Outubro de 1970

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

Terrenos para Construções Prédios de Rendimento e Andares

Em nova urbanização, servido por transportes colectivos, com grande futuro.
VENDEM BARATO: J. PEREIRA JOR. E J. S. CARRUSCA
Estrada da Penha FARO

Balada para um tempo de infância

Naquela manhã acordou mais cedo que em todas as outras. Uma nova obrigação surgira-lhe e era seu dever cumpri-la. Futuramente, seria chamado a entrar na escola todos os dias, pontualmente, a fim de estudar «para ser um grande homem», como era desejo da mãe.

As aulas principiavam às nove horas mas, logo ao raiar do dia, a ansiedade fê-lo despertar. Estava deseioso de alcançar aquele lugar novo, bastante falado pelos mais crescidos e apelidado de maravilha pelos mais miúdos.

Não fez barulho para não incomodar os pais que dormiam no quarto contíguo. O seu pequeno coração batia, apressadamente, e os olhos esperavam ver aumentada a luminosidade que se infiltrava pelas frestas da janela, para que ela fosse anunciar aos pais que era já dia. O dia de ele ir para a escola!

Ouviu, então, barulho. Primeiro, uma tosse que identificou como sendo do pai, depois passos. A mãe levantava-se. Manteve-se quieto e fechou os olhos. Não queria demonstrar que rebentava por levantar-se. Por entre as pestanas, viu a mãe abrir a janela e o quarto ficar inundado de luz.

«Sérginho!» — chamou ela. — «Sérginho!»

Esfregou os olhos fortemente, para dar a ilusão de ter acordado naquele preciso momento e apoiou as costas na cabeceira da cama.

«Levanta-te, filho! Falta já pouco para entrares na escola» — ordenou-lhe a mãe, em tom carinhoso.

Quase pulou de alegria, mas dominou-se. Enquanto se vestia, não se cansou de perguntar como seria o seu primeiro dia na escola, como seria o professor e se, após uns quantos dias, era capaz de escrever, sem ajuda, um postal para a mãe. A mãe sorria a estas interações e dizia-lhe que sim, para não destruir a felicidade do momento. Ela sabia que, nos últimos dias, ele não pensara noutra coisa além da escola. Até esquecera os brinquedos, os pães e demais brincadeiras. Passava o tempo contemplando os lápis de cor, as borrachas e os cadernos.

Saiu disparado para a rua, já ensolarada, ainda que fresca, devido à humidade da noite anterior. Pelo caminho foi apreciando as casas, as pequenas plantas das bermas da estrada, a multidão de batatas brancas que engrossava, tomando o mesmo rumo. Sentiu passos à retaguarda e virou-se. Era alguém que não conhecia, um rapaz da sua idade que, possivelmente, também se dirigia à escola. Agradou.

— Vais para a escola? — perguntou ao outro.

— Vou!

— Como te chamam?

— Pedro, E tu?

— Sérgio! Moras longe?

— Além; — apontou para um grupo de casas caiadas de branco, muito pequenas. — No Bairro Operário.

— Os teus pais são pobres, não são?

— Sim, mas... que interessa?

— Queres ser meu amigo?

— ... Sim!

— Aperta a minha mão, como fazem os crescidos.

Apertaram-se as mãos e juraram mútua amizade, prosseguindo, seguidamente, o caminho que os levou ao portão da escola.

Sérgio não se cansava de admirar aquilo que considerava um sumptuoso edifício. Era uma construção de paredes alvas, com janelas pintadas de verde, dois pisos, situada no centro de um grande jardim, repleto de bonitas e coloridas flores, árvores de fruto e relvado magnífico. Num dos recantos do belo jardim situava-se um pequeno lago onde nadavam peixes das mais variadas cores. Rodeava-o, em toda a extensão, um muro de alvenaria, de rendilhado triangular, com cerca de metro e meio de altura.

Estava-se no princípio do Outono e a fraca aragem, vinda do Norte, arrancava, de quando em quando, uma folha ou outra das árvores, para a ir depositar no solo e continuar a brincar com ela. Este assemelhava-se a um tapete amarelado e, quando alguém passava, parecia emitir pequenos gritos que

Basquetebol em Faro

Na secretaria do Sporting Farense, das 15 às 18 horas, encontra-se aberta a inscrição de praticantes de basquetebol nas categorias de juvenis e juniores, que queiram representar o clube.

mais não eram que o estalar das folhas, sob os pés. A verde relva, bem cuidada, destruíra a ideia de quem imaginava o local isento de tratamento. Era tão linda a escola! Os pinheiros, atrás do edifício, subiam a grandes alturas. Eles forneciam as pinhas para as fogueiras, para serem usadas como bolas de futebol, ou para servirem de projecteis, nos combates de «patrulhas».

Estas foram coisas que mais tarde descobriu. Por enquanto, era apenas o primeiro dia de escola. O dia em que todos estão nervosos, em que se tem pela primeira vez na frente um professor e, sobretudo, o dia em que se conhecem novos amigos para tomarem parte nas brincadeiras. Sérgio teve sorte. Encontrou um camarada e parecia-lhe que este ia ser bom.

Os últimos dez minutos escoaram-se, velozmente. Encheu-se de uma alegria esufiante ao dirigir-se, a correr, para a pequena porta, no alto de uma escada de seis degraus e que talvez não deixasse entrar todos ao mesmo tempo. E assim foi. Apareceu uma senhora, de bata cinzenta, a impedir a passagem. A enorme massa branca estacou.

Sérgio e Pedro olhavam com desconfiança para os mais velhos, os das classes superiores, que volteavam, vagarosamente, inspecionando. Pedro agarrou fortemente a mala, facto que despertou a atenção de Sérgio.

— Pedro — disse — tens medo que te roubem a mala?

— Tenho! — respondeu ele, com os olhos muito abertos, fixando atentamente um veterano que rondava perto.

— Não os creio capazes disso.

— Bem... roubar não roubam, mas partem os lápis ou atiram fora as borrachas. Podem até rasgar os cadernos! Tenho um irmão, mais velho, a quem atiraram a mala para dentro do lago, vai para dois anos. Só se salvou o pano. Queres um conselho, Sérgio? Agarra muito bem a tua.

A senhora deixou de estar a barrar a passagem. Tinha já gritado o número das salas a que pertenciam as diferentes classes. Com dificuldade, os dois rapazes perceberam: «Primeira classe: sala três!»

A infantil multidão precipitou-se para dentro, em busca do melhor lugar. Pedro e Sérgio foram na onda. Pedro passou. Sérgio ficou travado. Um veterano impediu-lhe a passagem. O peito estalou-lhe de ansiedade e medo. Levantou os olhos, suplicante. Desejou ter sido o último a entrar.

— Aonde vais, tão apressado? — perguntou-lhe o grandalhão, autoritário.

Sérgio não respondeu.

— Não ouviste, menino bonito? Perguntei-te onde ias.

O pequeno sorriu para o mais velho e, como fruto da esmerada educação que recebera, proferiu uma frase delicada e, simultaneamente, de censura:

— Não te que vou para a escola? Porque não me deixas passar? Tem uma quantidade enorme de meninos da sua idade com quem pode brincar. Porque brinca comigo?

— Porque não gosto de meninos miúdos, — respondeu o outro.

— E eu... sou um desses meninos?

— Claro! Vê-se na tua cara, na tua roupa.

— Está certo. Deixa-me, então, passar, pois o professor não irá permitir que entre na sala atrasado.

— Era interessante, não era?

— Penso que não...

— Então, fofocas aqui até ser tarde.

— E... — começou Sérgio. — Não chegar tarde, também?

— A mim, os professores não metem medo!

— Metem sim senhor! — gritou-lhe uma voz aos ouvidos. — Vamos andando e porta-te com muito juízo, porque este ano não estou para te aturar!

Era a senhora da bata cinzenta, que o arrastou por uma orelha para uma das salas. Sérgio, ainda não refeito do susto, ficou parado no umbral da porta. A senhora voltou, pôs-lhe a mão, ternamente, no ombro e disse-lhe:

— Vamos pequeno. Ele não te fará mal.

— Minha senhora, a minha sala é a número três.

— Eu sei! — limitou-se ela a dizer.

Quando Sérgio entrou na sala já todos estavam sentados. As janelas, que do exterior pareciam pequenas, deixavam passar, admiravelmente, a luz, o que fornecia ao ambiente um aspecto radioso.

O professor estava de pé, de ponteiro na mão, tentando manter caladas as vozes que, juntas, se assemelhavam a uma sinfonia desafinada. Era alto e não muito forte. A princípio não notou a presença de mais um estranho na sala. Depois, mirou-o por sobre os ombros e deixou-se ficar, a olhar. Era como se perguntasse a si próprio o que faria mais aquele ali. Finalmente, decidiu-se a falar.

— Vens atrasado! — comentou.

— Sim senhor! — foi a resposta.

— Pode saber-se porquê?

Sérgio ficou calado.

— Então?

— Senhor professor. Não pude chegar mais cedo...

— Muito bem. Senta-te. — ordenou.

Sérgio tomou lugar no único banco que encontrou vago, ao fundo da sala. Esta pequena interrupção contribuiu para que todos voltassem a falar, com redobrado ânimo, aumentando o volume da sinfonia desafinada das gargantas juvenis.

«Silêncio!» — gritou energicamente o professor. «Quero ordem e respeito nesta sala!»

Calaram-se. Algures, ao fundo, uma vozinha débil quebrou o silêncio, já restabelecido: «O professor é mau!»

«Não sou mau, menino. — disse ele, sem mirar qualquer ponto em especial. Quero as minhas palavras ouvidas em silêncio, nada mais, compreendem?»

Ninguém se manifestou. Olhavam, apenas, uns para os outros. Sérgio procurava descobrir Pedro, sem o conseguir. Ia levantar-se um pouco, para ver melhor, quando a voz do mestre lhe chamou a atenção.

«Meus amigos, estamos aqui, no começo de um novo ano.» — Sérgio gostou daquela entoação de «meus amigos». Era como se alguém crescido lhe atribuísse maior tamanho. Ele podia ter começado: «Meus meninos...» ou coisa congénere, mas não. Soava-lhe bem. Iria dizer à mãe que fora essa uma das coisas que mais lhe agradara no seu primeiro dia de escola. — «Este ano será diferente para todos vós.» — continuou o professor. — «A vossa iniciação numa escola totalmente diferente daquelas a que estavam habituados. Muitos de vós frequentaram escolas particulares, não é verdade?» — a maioria assentiu. «Pois bem...»

E continuou a falar. Recomendou-lhes que fossem bons meninos, que respeitassem colegas e mestres, que executassem os trabalhos que ele iria mandar fazer em casa, que dedicassem a máxima atenção a tudo quanto dizia, e muitas outras coisas mais...

Claro que nesta idade os bons conselhos são desaproveitados, pelo menos à primeira vista. E à força de tantas vozes serem repetidos que acabam por se enquadrar e prevalecer, no espírito de indivíduos normais. O professor sabia, pois, não estar a falar em vão. Viriam mais professores e repetiriam as mesmas doutrinas; os pais, em casa, cuidariam também de as fazer ouvir, até serem seguidos como coisa habitual.

A manhã correu célere. As aulas tinham sido cortadas por um intervalo de quinze minutos que Sérgio aproveitou para trocar impressões com Pedro e para comer o pequeno pão que a mãe tinha enfiado na mala, repartindo-o com o seu novo amigo, que não possuía recursos para levar merenda.

Observava, Sérgio, não sem alguma inveja, acompanhada de curiosidade, os divertimentos dos mais velhos que iam desde o jogo da rolha ao do pião, berlínde e eixo, ou a simples conversações, sentados sobre o muro que separava a escola da estrada e do pinhal. O intervalo acabou e as aulas recomeçaram. Ao meio-dia a sineta tocou. Pouco a pouco, todos foram saindo. Quando chegou a casa e a mãe quis saber impressões, respondeu apenas: «Gostei muito!»

José Estêvão da Cruz

FIOS PARA TRICOT

A. NETO RAPOSO, LDA.

No seu Próprio Interesse consulte a casa que maior sortido tem em fios para tricot e crochet Nacionais e Estrangeiros.

Venda directa ao público ao preço da fábrica. Já escocesa e shetland, Fibras Acrílicas, roblon, cardinil, cordonet, perlé, e argolinha. Algodão para colchas a peso, ráflas perlapont etc.

Fazemos descontos às senhoras tricoteadeiras.

A. NETO RAPOSO, LDA.

Praça dos Restauradores, 13-1.º Junto à Estação do Metropolitano — Telefone 326501.

Gesto de honradez

O sr. Luís Gabriel Gago Horta, estudante, residente em Faro, perdiera na praia de Monte Gordo uma carteira contendo documentos e dinheiro. Para além dos valores pecuniários, a perda causava-lhe sérios transtornos, por via dos documentos pessoais. Felizmente, porém, há pessoas que se prezam de seguir o culto da honradez, e assim o sr. Horta recebeu um postal da sr.ª D. Alda da Rosa Filipe, residente em Monte Gordo, comunicando-lhe que achara a carteira, e esta se encontrava à disposição do proprietário.

Prédio

No centro de Vila Real de Santo António, situado na Rua EÇA DE QUEIROZ, N.º 7.

Vende-se

Accitam-se ofertas. Trata: R. Vasco da Gama, 4-1.º, Esq., na mesma vila.

Traineira

Vende-se traineira «Costa Brava», matriculada no porto da Figueira da Foz, apetrechada com ótimo motor «Cummins», de 290 H. P., 12 cil., 1 800 r. p. m. Sonda, Rádio, Tel. etc. Comprimento de 20,95 metros, Guincho, Redes de nylon c/ 520 metros de comprimento por 120 metros de altura. Boca 4,92 metros. Pontal 1,47 metros. Tonelagem 34,36 e 2 chalandras sendo 1 com motor.

As propostas devem ser dirigidas a Joaquim Carvalho — Rua Fernandes Tomás, 153 — FIGUEIRA DA FOZ ou pelo telefone 22802.

Vende-se

Barco para pesca, com 14 metros de comprimento, equipado com motor VOLVO de 135 HP, com poucas horas de uso, Rádio e Sonda marítima, pela melhor oferta. Tratar com Manuel Guilherme Faria, — MACIEIRA — Vila do Conde.

VISITE EM QUARTEIRA

O RESTAURANTE ISIDORO

O MAIS TÍPICO DO ALGARVE

Cozinha Regional

director técnico: ISIDORO

PRATOS DO DIA

Bife de Atum à Barraca
Sardinhas na Brasa
Caldeirada
Camarão de Quarteira
Ostras à Isidoro
Amêijoas na Cataplana Lavagante

Lagosta
Feijoada à Barraca (ao Domingo)
Ervilhas à Rita
Perdiz à Isidoro
Frango na Pácará
Doce Regional

E AINDA OUTROS PRATOS DIVERSOS

Câmara Municipal de Vila Real de Santo António Anúncio

Venda de Terrenos em Vila Real de Santo António e Monte Gordo

A Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, vende em hasta pública no dia 30 DE OUTUBRO DE 1970 pelas 15 horas, cinco lotes de terreno, para construção urbana destinados a habitação.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — Lotes n.ºs 23 e 24/70

Para 4 pisos — Área 165 m2. — Base de licitação 149 contos MONTE GORDO — Lote n.º 25/70

Para 4 pisos — Área 396 m2. — Base de licitação 1 200\$00/m2. MONTE GORDO — Lotes n.ºs 26 e 27/70

Para 6 pisos — Área 120 m2. — Base de licitação 250 contos

As condições de alienação encontram-se patentes na Secretaria da Câmara Municipal, podendo ser consultadas durante as horas de expediente.

Paços do Concelho, 30 de Setembro de 1970.

O Presidente da Câmara,

Dr. António Manuel Capa Horta Correia

Cantinho de S. Brás...

Só me faltava mais esta! O imposto de prestação de trabalho

DEPOIS do imposto de desemprego. Do profissional, Do sindicato, Da caíza. Da conjugação destes pendentes ao ordenado mensal com a letra, o seguro do carro, o de vida. A renda da casa ao dia oito. Água e luz. Mais licença disto e daquilo. Adição que chama adição, regularmente avingrando a alma plúmbea de tristezas e ilusões, só me faltava, positivamente, mais esta: o imposto de prestação de trabalho!

Antes fora malandro! Mas que é isso de imposto de prestação de trabalho?, pergunta-me curiosamente um colega, oriundo da zona ribeirinha do nosso Algarve. Colega de trabalho, entenda-se. Oh, pá: é difícil explicar-te. Mas, da minha ignorância, vou extrair um pouco daquilo que ouvi aos antigos (lá do meu bairro — isto de antiguidade é, sempre foi, um posto!); a princípio, e vão vinte e tal anos, tinha carácter facultativo, porque era uma facilidade que restava às Câmaras consideradas pobres (há pobres que nunca acabam: nascem, vivem e morrem imutáveis, perenemente a sugar a mesma presa — que sugardo elas? — como que sina tihosa: às vezes, toda feita de inépcia vergonhosa). Nascia uma possibilidade de realizar fundos que, verdade? mentira?, teriam imediata aplicação em despesas inadmissíveis, tais como: o arranjo e conservação de ruas e caminhos municipais; limpeza e abertura de fontes e fontanários; etc., etc., onde os municípios fossem beneficiários de facto. A cobrança deste imposto era normalmente entregue à orientação de um indivíduo, não funcionário, que se oferecia para tal fim, em ar de comissionista... Foi esta a versão (errada? certa?, não importa, agora) que me ensinou este pomposo nome: imposto de prestação de trabalho! Pagava quem queria — sentenciavam bocas sábias de velhice e relutância. E o que é facto é que muita gente não pagava. E não pagar, traz problemas: a quem não cumpre e a quem não recebe. Daí que em 1970, o dito imposto, uma regalia a mais da nossa Câmara sobre os cidadãos que lhe estão na alçada, ainda seja um problema cadente!

Problema com laivos pitorescos. Nada admirando se um dia lhe vir consagrada utilidade turística! Não obstante o anacronismo da sua existência. En-

fim: alguma coisa havemos de aproveitar da campanha que nos ronda a porta...

E, pois, uma reliquia, este especialíssimo imposto — na minha terra, está bem de ver — que os homens deram de entronisar. (Para fazer frente a que (quais) dificuldades?) E agora, quando a cimeira tributária me bate à porta, inopinadamente, sinto o dever de não me furtar a dar-lhe, objectivamente, publicidade, pois que luta não posso. Nem a tanto me atreveria: com o absurdo não se luta, nem brinca, não é! — adula-se. Às vezes, compadecidamente, perdoa-se...

Há alguns meses atrás, cáiu, carunchosamente vencido pelo tempo e audácia ciclópica da justiça, o uso da licença de isqueiro. Outras pergaminhosas antiguidades nacionais vão dando lugar à força liberalizante do progresso que se deseja sem fronteiras. Vai para um mês, a miú nobre e digna Câmara Municipal de Braga, por proposta do seu presidente, suspendeu o mencionado imposto, tendo, entre outras, estas palavras justificativas: «por se considerar pouco de harmonia com os princípios da justiça tributária, além da complexidade que envolve o seu lançamento... considerando que a liquidação do imposto tem o seu quê de injustiça nos moldes em que decorre...»

Mas Braga não foi a única a abolir o imposto de prestação de trabalho. E quantas nunca o adoptaram!

Estou a lembrar-me, por exemplo, de alguns casos originados pela anarquia desta contribuição municipal. Não resisto a apontá-los. Sem comentários.

Recuemos quatro anos, no tempo. Quem não conheceu a «ti'Joaquina Rainha» que Deus haja! Diariamente, vinha ali dos lados do Serro do Alportel. Toque-que-toque, amparando com as suas octogénias mãos duas ressequidas canastras de fruta, equilibradas sobre a poída albarda do seu inseparável companheiro de canastras e ganha-pão — um pequeno fumento, quase tão velho como ela! O que não tiveram oportunidade de conhecer, foi, como eu vi, magado e incapaz de lhe valer, a sua cara enrugada de lágrimas chupadas dos ossos!...

... onde vou eu, uma velha-viúva, como vês, de oitenta e... (já não me lembro quantos!), arranjai aquele dinheiro todo que «eles» querem para pagar o relace de há 18 anos, em nome do meu falecido-marido, que Deus tem? Sim. Que ele morreu há 24 anos... ainda nem havia imposto!... E agora tudo relaxado!... Eu eu tenho umas casinhas... pois tenho: são minhas! E também tenho um burro! Mas onde vou eu buscar o dinheiro, não me dirão!...

Pouco mais tempo durou a «ti'Joaquina Rainha». Julgo que o imposto dela ou melhor: do defunto-marido dela, já não tenha existência. Requiem por ambos!

Não sabemos, porém, deste paréntesis de quatro anos. O pai do signatário destas linhas, gasto pelos anos e ardor posto na luta pela vida, depauperou as finanças em 3 operações a que foi submetido, no curtíssimo espaço de 4 meses. Quando se ia reabilitando, sobreveio-lhe, irrevogavelmente, o imposto de prestação de trabalho. Com relace e espanto de 12 anos! Como foi difícil començar o bom do Xico Cachinê, que se aprestava para a minguada reforma, a desembolar os seiscentos e tantos escudos! Mas, que diabo! por que não relaxaram aquilo ao homem meia dúzia de anos antes!...

Histórias, assim, não findam. Voltemos aos dias de hoje. Quem casa quer casa. Em S. Brás de Alportel, quem casa, arrisca-se; isto é: quer imposto de prestação de trabalho. A menos que seja como um amigo meu, casado fora da terra; ou vivendo de modo que não dêem por ele. Por ele e muitos mais que não foram e jamais serão seleccionados para este totobola familiar. Eu não choro os 21\$00! Pior do que isso, é o pragmatismo da questão: com carácter perene; se o parceiro se descuida, passa para lá da cova; há sempre quem herde a obrigação de pagar; o mal está ao entrar no rol!...

Eu sei que o meu cantado imposto não escolhe idades. Por isso, amigo leitor, ainda está muito a tempo de colaborar. Mesmo que não seja da cá. Como aquele meu tio velhote que depois de reformado pela C. P., escolheu os ares da nossa terra para a razão de mais uns antos de vida. Somou os cobres. Comprou uma casita térrea. E com a ajuda de Deus, vai equilibrando o parco orçamento para dois. Em Julho passado, subiu o degrau que marca oitenta primaveras. Orgulhosas. Talvez felizes. Pois, naquele dia festivo, o carteiro trouxe um cartão. Pôs os olhos, para soletar quem mandava parabéns. Deu um ah! estranho e tremeu mais: era o aviso para pagar, pela primeira vez na sua vida, o imposto de prestação de trabalho!...

Felizes oitenta anos!

MORALIDADE: quando chegar até nós a lei de Braccara Augusta — que foi romana e hoje é, tal e qual, a vilória deste pacato cidadão, portuguêsinha da costa!

Marcelino Viegas



SOPAL

PORTO LISBOA FARO

DECORAÇÃO

REVESTIMENTOS

EQUIPAMENTO

Praça Alexandre Herculano, 37 — FARO



SOPAL

MUTUAL

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Apontamento de JOAO LEAL

Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Farense, imbatível no seu reduto

Ao fim da 5.ª jornada, o Sporting Farense regista três vitórias equivalentes a outros tantos jogos disputados em São Luís. Após os êxitos verificadas sobre o Porto e Os Belenenses, seguiu-se o triunfo de domingo, sobre o Tirsense, encontro difícil, como aliás se previa, dada a época regularíssima que a turma de Santo Tirso vem efectuando. E os pupilos de Orlando Ramim vieram ao campo prevenidos de como «o sol costuma escaldar por estas bandas» e dispostos a vingar os desaires dos casuais da cidade invicta e de Belém. O prêmio teve assim momentos de evidente equilíbrio, pois o frenesi dos locais era compensado pelo acerto com que o meio campo adversário vinha actuando. O gol de Farense (um verdadeiro golo, daqueles chamados «de antologia», que Ferreira Pinto apontou) veio lancar antes do intervalo uma relativa tranquilidade nos locais.

No segundo tempo a turma algarvia tomou as rédeas das operações e desfrutou de ocasiões várias para ampliar a vantagem, que a falta de sorte, a imperícia dos seus dianteiros e a exibição de Ricardo (tal como Zeferino no primeiro tempo) não consentiram se concretizassem.

Uma citação especial merece o farense Barão que alinho como defesa lateral, Plêtorico de força e generosidade, esteve certíssimo, quer a cortar jogo, como a passar à dianteira e até mesmo integrando-se sucessivas vezes na linha da frente. Ele foi, quanto a isso, a figura fabril, que no domingo sofreu forte punição em Coimbra, está sequioso de rectificar posições. Por tal motivo o Farense e, ainda porque joga no campo adversário, encontrará muitas e sérias dificuldades. Mas...

II DIVISÃO

Exibições certas, resultados negativos

Ora digam que os anos são um entrave! Com Daniel, o veterano guardanetes do Portimonense, parece suceder o mesmo que com o vinho de Lagoa quanto mais velho, melhor. Assim se viu no domingo, no Montijo, onde voltou a brilhar a grande altura com intervenções e decisões arrojadas. No terreno do guia da zona sul os barlaventinos perderam por um tento só. Não se infira que se remetoram a porfiada defesa, pois o Portimonense sempre que o ensino proporcionava, desceia em contra-ataques venenosos. Foi assim um jogo equilibrado, este que o sr. Carlos Dinis (Lisboa) dirigiu e em que as equipas alinharam: Montijo — Alinho; Sabino, Moreira, José António I e Nelson; Vieira Dias e Espírito Santo; Louceiro, Bolota, José António II e Porfírio. Portimonense — Daniel; Lino, Miranda, Hélio e António Luis; Arquimede e Afonso; Évora, Lucas, Mateus e Pacheco.

O golo do Montijo foi marcado por Bolota aos 18 minutos. Por duas vezes o Olhanense esteve em vencedor. Em Sintra foram os homens de Olhão os primeiros a marcar, quando em dez minutos, marcaram dois. E após o intervalo, foram ainda eles que desfizeram a igualdade. Mas não foi ainda desta feita que o Olhanense alcançou a primeira vitória. De novo se confirmou o que em anteriores encontros tem sucedido: o ataque cumpre a sua função, marcando golos, enquanto a defensiva — comprometido resultado, consentindo-os. E de tal maneira assim é que o Olhanense, tendo o 4.º ataque (ex-aequo) na zona sul, é o clube mais batido entre os vinte e oito que militam na Divisão Secundária.

Dirigiu a partida o sr. Luis Tavares (Setúbal) as equipas alinharam: Sintrense — Gomes, Valente, Guilherme, Júlio e Elias; Silva e Rogério; Baptista, Sérgio, José João e Gomes Pereira.

Olhanense — Arsénio; Alexandrino, Fernando, Poetra, Carlos José, Madeira e Matias; Renato, Simões, Cordeiro e Carlos Poetra.

Simões (2) e Renato marcaram pelos algarvios, enquanto Rogério, Baptista (2) e Sérgio obtiveram os tentos do Sintrense.

Amanhã duas partidas grandes se disputam no Algarve. O Montijo, guia da zona, joga em Olhão. E se os visitantes vêm lutar pelo primeiro posto, o Olhanense tem de vencer para fugir à posição de lanterna vermelha. Por seu turno o Portimonense (3 pontos) recebe o Atlético (6 pontos), equipa que é candidata à promoção. Situações quase idênticas, mas estamos em crer que a vitória sorrirá aos homens da Rocha.

III DIVISÃO

Começou a grande maratona

Sessenta e quatro equipas agrupadas em quatro zonas iniciaram no domingo a disputa do Campeonato Nacional da III Divisão. Sessenta e quatro equipas empenhadas em dois objectivos bem distintos: o ingresso na Divisão Secundária ou a não descida às provas regionais.

Na primeira jornada houve logo um derby regional e entre clubes bem vizinhos. Venceu o Esperança no prédio com o Silves, por um tento solitário. Em Vila Real de Santo António o Lusitano derrotou por dois golos sem resposta o União de Algés. Amanhã, o onze vila-realense joga na Cova da Piedade, enquanto o Esperança actua em Montemor-o-Novo. Ao Silves cabe receber o Almada.

RESULTADOS DOS JOGOS

I DIVISÃO

Farense, 1 — Tirsense, 0

II DIVISÃO

Montijo, 1 — Portimonense, 0
Sintrense, 4 — Olhanense, 3

III DIVISÃO

Lusitano, 2 — U. de Algés, 0
Lagos, 1 — Silves, 0

JOGOS PARA AMANHÃ

I DIVISÃO

Cuf-Farense

II DIVISÃO

Olhanense-Montijo
Portimonense-Atlético

III DIVISÃO

Silves-Almada
União Sport-Esperança
Cova da Piedade-Lusitano

Campeonatos de juniores e juvenis da A. F. de Faro

Efectuam-se na terça-feira às 21,30 na sede da Associação de Futebol de Faro, os sorteios para os Campeonatos Distritais de Juniores e Juvenis. O início destas provas está marcado para o dia 1 de Novembro.

Vende-se

Por motivo de doença, uma quota de 50% na traineira «NOVA AREOSA».

Tratar com Carlos Santos Amaro, na Rua Bartolomeu Dias, n.º 82-5. Dt.º em Lisboa — Telefone 610257, ou em Olhão, na Avenida 5 de Outubro, n.º 12.

Anúncio

A Câmara Municipal de Silves vende em hasta pública a realizar no dia 4 de Novembro do ano corrente 13 165 metros quadrados de terreno sito na povoação de Armação de Pêra, confrontando com o mar e destinado à implantação de um estabelecimento hoteleiro.

TÊNIS DE MESA

Amanhã em Faro, o «Torneio de Abertura» (Seniores)

Tendo em vista o fomento e expansão da modalidade a Associação de Tênis de Mesa de Faro leva a efeito as provas não oficiais denominadas «Torneio de Abertura» para seniores, juniores e infantis.

A prova para a categoria de seniores disputa-se amanhã na capital algarvia com a participação de elementos de toda a Província.

No que se refere a juniores e juvenis as inscrições estão abertas, respectivamente, até aos dias 1 e 18 de Novembro.

Pescaria desportiva

João Martins Gaivota venceu a 2.ª prova do VIII Intersócios do C. A. P. de Olhão

No molhe leste da barra do porto comum Faro-Olhão disputou-se a 2.ª prova do «VIII Campeonato Intersócios» do Clube dos Amadores de Pesca de Olhão. Verificou-se a seguinte classificação:

1.º, João Martins Gaivota, 4 180 pontos; 2.º, Amabilio Artur Pereira, 3 675; 3.º, Manuel Inácio Guerreiro, 2 090; 4.º, João Jacinto Andrade, 1 910; 5.º, António Vicente Seródio, 1 870; 6.º, José António Oliveira, 1 855; 7.º, Joaquim Alexandre Leiria, 1 835; 8.º, José Ramos Pires, 1 815; 9.º, Eduardo da Conceição Pires, 1 395; 10.º, António Luciano Graça, 1 205 pontos.

Depois desta jornada, a classificação geral ficou assim ordenada:

1.º, Amabilio Artur Pereira, 4 810 pontos; 2.º, João Martins Gaivota, 4 440; 3.º, João Jacinto Andrade, 2 940; 4.º, José António Oliveira, 2 530; 5.º, Joaquim Alexandre Leiria, 2 405; 6.º, Manuel Inácio Guerreiro, 2 255 pontos. O certame prossegue amanhã às 6 horas.

Judo no Louletano

Dando continuidade à expansão do seu ecletismo, o Louletano criou mais uma secção desportiva, o Judo. Modalidade que dia a dia suscita mais entusiasmo, encontra-se em fase de grande expansão no nosso país.

A juventude de Loulé tem assim mais um factor de interesse desportivo ao seu dispor.

Actividades da F. N. A. T. no Algarve

Na delegação da F. N. A. T. (Rua do Alportel), encontram-se abertas as inscrições para os campeonatos distritais de futebol, ténis de mesa e basquetebol. O prazo acaba no dia 31 deste mês.

Naquela organismo estão igualmente abertas as inscrições para as classes de ginástica masculina e feminina.

A F. N. A. T. tem em funcionamento neste distrito quatro classes de ginástica, na Casa do Povo da Luz de Tavira e igual número na de Conceição de Tavira. Nestes organismos funcionam também classes de judo.

Destilaria

Precisa-se encarregado com prática.

Fogueiro

Precisa-se encartado para trabalhar com pequena caldeira.

Sonda

Vende-se 15 contos perfeito estado Kelvin Hughes 300 braças. Custou 30. Respostas a este jornal ao n.º 13 551.

Visitou o Algarve uma comissão de estudo de problemas ligados à saúde mental

A fim de estudar e coordenar problemas de integração da saúde mental nos diversos sectores do departamento da Saúde e Assistência, esteve na nossa Província uma comissão constituída pelos srs. prof. Pedro Polónio que presidia, e drs. Baeta Neves, Seabra Dinis, Parada Leitão e Diogo de Mello Sampaio.

Aquelas individualidades acompanhadas pelo director do Centro de Saúde Mental de Faro, sr. dr. Manuel da Silva, e médicos, srs. drs. Ezequiel Delgado, Mário Guerra Roque e Uva Sancha, visitaram as instalações do Centro de Saúde Mental em Faro e em São Brás de Alportel, deslocando-se também a Moncarapacho onde apreciaram as possibilidades de aproveitamento da propriedade conhecida por Corro da Cabeça, da Santa Casa da Misericórdia local.

Cinema amador na Casa do Algarve

Vão recomençar as sessões de cinema amador na nossa Casa Regional em Lisboa, dirigidas pelo membro da direcção da Casa do Algarve, sr. José Francisco Barros Gamba, realizando-se a abertura da 4.ª temporada às 21,30 do próximo dia 29.

Serão apresentados oito pequenos filmes dos realizadores não profissionais José Barbosa, Vasco Branco, Nuno Vieira da Fonseca, Vítor Laranjeira, Vasco Pinto Leite, Frederico Marques e Barros Pereira.

Agentes de viagens do Canadá visitam o Algarve

Numa promoção conjunta de Viagens Raves, C. P. Air e Suntoirs deslocaram-se ao Algarve durante este mês 50 agentes de viagens que exercem funções no Canadá. O objectivo desta promoção é incentivar a vinda de turistas canadianos para o Algarve e de um modo especial dar a conhecer aos convidados a região que é alvo de programas especiais de férias organizados pelos promotores.

O primeiro grupo, constituído por 25 elementos radicados nos estados de Quebec, Winnipeg e Manitoba, permaneceu no sábado, domingo e segunda-feira no Algarve. Alojados num hotel da Praia da Rocha, percorreram os locais de maior interesse histórico, turístico e económico da Província. Na noite de domingo foram obsequiados com um jantar oferecido pela Comissão Regional de Turismo, a que presidiu o seu presidente, dr. Fco. de Azevedo, que saudou os visitantes, e lhes dirigiu palavras de muito apreço. Usaram também da palavra os srs. Onofrio Curato, da Universal Travel Agency, de Winnipeg; François Chavy, da Suntoirs e Simon Gabriel da C. P. Air. Depois na noite do hotel decorreu um agradável serão todo ele dedicado ao Algarve.

Foi projectado o filme colorido realizado por Pascal Augot, e o Rancho Folclórico do Arade, interpretou com perfeição as danças do Algarve, suscitando os aplausos.

Os agentes de viagens do Canadá seguiram para Torremolinos e Madrid, de onde regressam ao seu país.

Um novo grupo chegará na terça-feira por via aérea a Faro para efectuar idêntica visita.

CINECLUBISMO

Com o filme «Entretanto haja saúde», de Pierre Etaix, o Cine-Clube de Faro efectua na segunda-feira a 291.ª sessão ordinária.

ALGARVE

Vende-se em Portimão, um terreno de gaveto na Avenida do Liceu, e um grupo de casas velhas, no todo ou parte, bem localizadas na zona comercial, confrontando com as ruas Infante D. Henrique, Cruz de Pedra e D. Maria Luísa.

Dirigir a Francisco António Boto — Rua Alexandre Herculano, 83-A — PORTIMÃO.

ANDARES

Vendo belíssimos andares, em local de futuro. Tratar com: José de Sousa Pereira — Estrada da Penha, 180-1.º — Tel. 24499 — FARO.

Com tempo excepcional decorreu a Feira de Santa Iria em Faro

Muito público, ido de toda a Província, ocorreu na terça e quarta-feira à Feira de Santa Iria, em Faro. Ao longo da semana o certame tem continuado a suscitar grande interesse. O vasto Largo de S. Francisco é um manancial de luz, cor e animação. O recinto, ora já em vasto sector arborizado, oferece o cuidado aspecto e categorizada iluminação que o tem distinguido em anos transactos.

A par de muitas dezenas de barracas com plásticos, bugigangas, brinquedos, loiças e barros, dos restaurantes e das apelidadas «atrações», anote-se a presença de três circos, o New York Circus, Circo Americano e Royal Circus, de vários carroceiros e pistas de aviões e automóveis.

Pormenor digno de interesse foi o considerável número de exposições de maquinaria agrícola, num caminho que se desajava fosse impulsionado nesta importante feira.

Realizou-se no Algarve a reunião anual da Airtours International

No Hotel da Balala (Albufeira) realizou-se a reunião anual do Conselho de Administração da «Airtours International», uma das maiores organizações de turismo da República Federal Alemã e das principais responsáveis pelo desenvolvimento do turismo português na Alemanha. Com sede em Frankfurt-Main e escritórios em todas as grandes cidades alemãs, a «Airtours» teve no ano transacto um movimento de um milhão de turistas, número que este ano será amplamente ultrapassado.

Durante a reunião foram estudados problemas ligados à promoção turística em especial para o Algarve — cregião ideal para férias e prática de desportos náuticos; no dizer de um dos responsáveis pela companhia.

A reunião da «Airtours International» terminou com um jantar oferecido pela direcção do hotel.

Projecta-se a construção de um novo hotel em Monte Gordo

Na Direcção Geral do Turismo foi apresentado o anteprojecto de um hotel, com capacidade para 190 quartos, que a empresa SOSUL — Sociedade Hoteleira do Sul, S. A. R. L., com sede em Lisboa, pretende construir em Monte Gordo.

Padaria

Trespasa-se ou Arrenda-se

Em Alvor, bem montada, com boa cozedura, por os proprietários não poderem estar à testa. Excelente oportunidade e óptima posição no futuro. Tratar na Rua Vasco da Gama, 10, telefone 1398, em ALVOR.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro AVISO

Informam-se os beneficiários adstritos à Delegação Clínica de Monte Gordo, que a partir do próximo dia 2 de Novembro, passarão a dispor de assistência médica, no Posto Clínico de Vila Real de Santo António.

A DIRECÇÃO

Efectuou-se em Faro a II Conferência Internacional do Walcork

Por iniciativa da firma E. Torres Pinto da Silva, Lda., de Faro, um dos mais importantes complexos fabris da indústria corticeira do País, decorreu na capital algarvia a II Conferência Internacional do Walcork (revestimentos de cortiça). Participaram elementos de 14 países: Espanha, Canadá, Estados Unidos da América, Suécia, Jugoslávia, França, Holanda, Grã-Bretanha, Suíça, Alemanha, Bélgica, Itália, Áustria e Portugal, que discutiram formas de expansão do revestimento de cortiça, com vista a uma maior promoção de vendas e à conquista de novos mercados.

A conferência iniciou-se com pormenorizada visita às modelares instalações daquela firma na zona industrial do bom João de Baixo, em Faro.

Ao longo dos vários encontros, os congressistas pronunciaram-se sobre as campanhas conjuntas de publicidade a efectuar nas várias zonas do mundo, e nas aplicações dos aglomerados de cortiça, como material decorativo de largo emprego.

No âmbito da conferência realizou-se um banquete, presidido pelo dr. Manuel Esquivel, governador civil do Distrito. Ladeavam-no, além de algumas senhoras, o major Vieira Branco, presidente da Câmara Municipal de Faro e os srs. Bergueguer, Miller e Meyer. Aos brindes usaram da palavra os srs. dr. Manuel Esquivel, major Vieira Branco e Bergueguer da firma E. Torres Pinto da Silva, Lda.

Vítimas de acidentes de viação

No sítio do Padre Maia, a dois quilómetros de Tavira, uma furgoneta conduzida pelo sr. Humberto Simão, funcionário da F. N. A. T., residente em Cabanas da Conceição, foi chocar com uma carroça que seguia no mesmo sentido, conduzida pelo seu proprietário sr. António da Rita, de 62 anos, residente em Tavira que normalmente se dedicava ao transporte de sal. Do choque resultou a destruição total da carroça, a morte imediata da mãe e do seu condutor, que foi projectado a distância.

O motorista da furgoneta nada sofreu. Quando o sr. José Dias da Conceição, de 53 anos, trabalhador natural de Santa Vitória (Beja), seguiu a pé para a sua residência, no sítio do Poco dos Paus (Moncarapacho), foi atropelado nos arredores do seu proprietário por uma bicicleta motorizada, conduzida pelo sr. Fernando Seixo dos Santos, de 19 anos, residente no lugar dos Mortais (Moncarapacho), do que resultou o falecimento do primeiro, momentos depois. O ciclomotorista deu entrada em estado de coma e com vários ferimentos, no hospital de Olhão, de onde foi transferido para Lisboa.

Dumper Usado, compra-se para serviços de obras. Dirigir ao Hotel da Rocha-PRAIÁ DA ROCHA. ALUGA-SE

1.º andar, mobilado, com cinco assoalhadas e dois quartos de banho, esquentador, frigorífico, fogão a gás, roupas e louças, aluga-se no mês de Novembro e seguintes em Vila Real de Santo António. Dirigir a este jornal ao n.º 8920.

ROGAMBOLE

(Continuação)

O DUELO

Sir Williams partira como um raio pela avenida de Neully, atravessara a ponte, passara Courbevoise, Nanterre, Rueil, corraera ao lado do parque de Malmaison, e chegara à entrada do pequeno vale que se estende por detrás de Bougival, colónia de pescadores e de artistas. Depois, subira a trote a única rua do lugarejo, passara além da igreja, chegara ao cume do vale, junto de Luciennes, e parara de frente da grade de um grande terreno coberto de árvores e cercado de muros, na extremidade do qual se via um lindo cottage, e em direcção oposta, num canto do parque, uma casinha branca. Fora para essa casinha que dois dias antes Colar trouxera Cerise, confiando-a à guarda da viúva Fipart.

Colar, porém, entrara por uma porta lateral, enquanto o tiburly de sir Williams entrava pela porta principal. O baronnet viu marcado na areia húmida da avenida o rasto recente das rodas de uma carruagem.

— Bom, — disse ele com satisfação — Joana é minha!
O tiburly parou em frente da porta da escadaria, e sir Williams viu, no patim superior, Colar, que fumava tranquilamente um charuto.
— Então? — perguntou vivamente o baronnet.
— O pássaro está dormindo — respondeu Colar.
— Aqui? — perguntou Williams.
— Onde havia de ser!

— A que horas tomou o narcótico?
— As dez da noite.
Williams consultou o relógio.
— São oito horas da manhã — disse ele — tem ainda duas horas de sono.

E o baronnet, seguido por Colar, subiu rapidamente a escada, e depois de atravessar o salão, entrou no quarto de dormir, onde vimos Joana desperta, e admirada por se achar naquele lugar desconhecido. Joana dormia ainda deitada sobre o sofá. O baronnet parou em frente dela, e contemplou-a.

— Realmente — murmurou ele — é uma bonita rapariga. Nunca eu a vira antes, e felicito Armando pelo seu bom gosto.

Depois, carregando as sobranceiras e olhando para Colar acrescentou:
— Dar-se-á o caso de que não resistisses à tentação?
— Ora essa! — disse Colar; — a rapariga não é feia, ainda que muito pálida; eu cá, pelo que me diz respeito, gosto mais das mulheres coradas.

— Se o tivesses feito perdoava-te o atrevimento — replicou Williams tranquilamente — eu não tenho prejuízos... per Bacco! como dizia o meu defunto pai. E que fizeste da velha?

— Deitei-a sobre a cama, pondo-lhe ao alcance da mão a carta que o capitão mandou escrever, e em que o nosso ex-excevrete de tabelião imitou perfeitamente a letra de Joana.

— Muito bem.
— Quanto a Cerise — prosseguiu Colar — parece que ela e a tia Fipart não estão em muito boa harmonia. A pequena chora, a velha, que é pior que o demónio, faz-lhe sofrer toda a espécie de torturas.

— Isso é que eu não quero — disse Andréa — tu és o responsável pelos maus tratos que lhe derem.
— Ora essa!... — respondeu Colar com mau humor — o capitão dizia-me que arranjassem alguém de confiança, eu conhecia aquela velha, que é a amante de Nicoló, e aliciei-a. Não podia adivinhar que tinha tão mau génio.

Sir Williams não respondeu, e talvez mesmo não ouvisse a justi-

ficação de Colar, absorto como estava em profunda meditação. Com os braços cruzados, em frente de Joana, parecia haver-se esquecido dela.

— Val-te — disse ele afinal e depois de uma pausa — val ter com a tal viúva Fipart e diz-lhe que prepare Cerise para receber a minha visita.

Colar saiu, deixando sir Williams em presença de Joana de Balder, que dormia um sono letárgico. O baronnet sentou-se à mesa e escreveu a longa carta que Joana encontrara ao despertar. Depois, quando acabou de escrever, desenhou-se-lhe nos lábios um sorriso irónico.

— Ah! — disse ele — meu caro Armando, meu querido irmão, tive agora uma ideia luminosa... seria uma boa vingança para pôr a par dos milhões do pobre do Kermarouet! Ah! tu expulsaste-me como um ladrão? Roubaste-me Marta, a única mulher que porventura amei no mundo. Chamaste-me Andréa, o maldito, e esperas ser feliz? Louco, mil vezes louco! É esta mulher que te fez pulsar o coração! Ela adormeceu e imóvel em meu poder... Um outro que não fora eu, contentar-se-ia com uma vingança ignóbil e brutal; eu quero ser delicado e cruel! Não é Joana que eu quero possuir, é o seu coração!... Ela começava a amar-te... pois bem, há-de amar-me também a mim. Ontem, eras tu a seus olhos, o conde Armando de Kergaz, o homem do mundo, virtuoso e rico; serás de hoje em diante o infame, o vil que usa do nome e traços do amo; e Joana há-de desprezar-te. Sir Williams soltou uma gargalhada estridente.

— Sim, sr. conde — prosseguiu ele — tive uma excelente ideia. O verdadeiro conde de Kergaz sou eu, e no dia do meu casamento com Hermínia de Beaupreau, no dia em que o ouro de Kermarouet me pertencer, nesse dia bradar-te-ei: Armando! Armando! A tua Joana idolatrada, é hoje a minha amante e tomou-te por um lacaio.

Sir Williams, com o rosto iluminado por uma alegria infernal, tocou com força a campainha. Mariette, a criada do quarto destinado para Joana, apareceu.

— Chama todos os criados, — disse o baronnet.
Mariette saiu e voltou pouco depois acompanhada da governante, do criado de quarto e do groom.

(Continua)

por Candelas Nunes

Praia do Vau: de 1.ª em necessidades

PELA Portaria n.º 513/70, de 14 deste mês, da Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo, que classifica as praias do continente em três ordens, ficou o concelho de Portimão nada menos que com três praias de primeira: Vau, Alvor e Rocha. Portanto, com cerca de 10 por cento do total das praias do continente classificadas neste grupo, e mais de um terço das algarvias em idênticas circunstâncias, visto haver no Algarve apenas mais cinco praias de primeira: Armação de Pêra, Faro, Quarteira, Albufeira e Monte Gordo.

Para já, e para além do mais, parecemos de agradecer o reconhecimento da importância das praias portimonesas que são, de facto, de primeiríssima ordem, embora não vejamos bem onde geograficamente começam e acabam as praias que usam aquelas denominações. A Praia da Rocha será, sem dúvida, entre a Fortaleza de Santa Catarina e o Miradouro dos Castelos, mas as outras? A praia de Alvor, quanto a nós (e podemos admitir outros critérios) é onde acaba a faldsia e começa o areal, estendendo-se até à barra do Alvor; o Vau, compreenderá a faixa de costa entre o barranco de mesmo nome e a ponta de João de Arêns. Ora, sendo assim, ficam de fora as praias dos Três Irmãos e de João de Arêns que são, sem sombra de dúvida, dos melhores bocados da costa portuguesa. A menos, portanto, que qualquer delas esteja integrada nas designações de Vau e Alvor (o que não nos parece certo), a Portaria comete uma flagrante injustiça.

Por outro lado, se a Rocha é o que se sabe (ou se sabia, já que o arreamento ali em curso levanta sérias dúvidas quanto à permanência daquelas qualidades que fizeram da Rocha a rainha das praias portuguesas...) e Alvor o que se vê crescer dia a dia, o mesmo não poderemos dizer do Vau. Praia de primeira ordem, porque? Não é que o não mereça, longe disso. Mas como é que se pode considerar de primeira uma praia que começa por não ter acessos (num sentido de qualidade, mas também num sentido absoluto sempre que há derrocada no caminho da Rocha) e que, de resto, nada mais tem do que as suas óptimas condições naturais inteiramente por explorar?

Porque a praia do Vau não tem nada, mas mesmo nada que a recomende a quem pretende um mínimo de condições: nem hotel, sequer pensão, nem esgotos, nem acessos, nem parque de estacionamento, sequer água e luz em que a gente possa confiar nossas filhas casadoiras. Meia dúzia de casas à matroca, num esboço de arruamentos com buracos que chegavam para fazer um cemitério, e disse. Banheiro há coisa de uns dois anos e ainda assim de instalações manhosas, onde este Verão precisei de um pouco de álcool e mercurocromo, mas só obtive (muito obsequiosamente) dois pensos que a senhora me cedeu da sua farmácia doméstica. De comes-e-bebes, só a barraca do banheiro e a tasca do filho do Lino, que vinha fazendo bons projetos na altura em que o campismo era ali mais ou menos tolerado. Mas agora!

Repto que o Vau mereceda, com certeza, a classificação de primeira; mas também merece que a Câmara, o Turismo e a iniciativa privada olhem por aquilo dando um arranque, um empurrãozinho, nem que seja só para tomar embalagem. Assim, andamos a enganar-nos.

É esse arranque seria o parque de campismo que ali se pretendia e levou sopa. Ou outras coisas que andam no ar, e de que as pessoas falam muito à toa. Seria uma urbanização capaz, começando pela demolição dos velhos paradiços, com tantas histórias por contar, os pobres! Seria um hotel de segunda, por exemplo.

Mas, aí de nós! Agora classificada de primeira, como é lá possível o hotel de segunda? Não disse o outro que só os hotéis de luz se sajam no Algarve?

Seja como for, e haja ou não muita verdade no que as pessoas por aqui vêm falando à toa, esta classificação do Vau como praia de primeira — primeira, sim, mas de necessidades — deixamos apremiosos...

... Embora se rejubile por que Portimão tenha agora três praias de primeira no concelho. Ena!

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.



SERVIÇO DE SOCORROS PERMANENTE
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO



Nixon na Irlanda, agradecendo as aclamações da multidão

A NATAÇÃO NO ALGARVE

por Humberto de Azevedo

EX-DIRIGENTE federativo e durante anos treinador de natação desportiva, viemos por motivos profissionais residir em Faro. Chegámos em Julho de 1969 e, ao percorrermos todo este maravilhoso Algarve, verificámos com mágoa que, embora com condições climáticas excelentes, a natação desportiva não existia. É certo que não encontramos piscinas públicas, mas, ainda mais grave do que isso, era a ausência de inclinação e até de conhecimento desse desporto maravilhoso.

A natação, para além de ser um desporto de competição olímpica, é, sobretudo, uma necessidade, um divertimento, uma actividade física de primeira, um meio terapêutico e até, quantas vezes, um meio de salvação. Teremos de nos empenhar no estudo das antigas civilizações se quisermos saber algo das origens da natação. Chegamos até nós, como lendas ou através de baixos-relevos romanos, egípcios e assírios nomes de grandes nadadores e notícias dos primeiros estilos, Ulisses, Nausicaa e Leandro, este último atravessando o Hellespont para se encontrar com a sua amada, figuram entre os primeiros nadadores. Lord Byron, em 1810, imita Leandro fazendo a travessia dos Dardanelos. Mas, desde que os austríacos, organizaram a primeira prova internacional em 1858 (campeonato mundial das 100 jardas) o progresso deste desporto jamais parou. Expandiu-se, atravessou fronteiras e continentes e, assim, temos em 1869 os primeiros campeonatos de Inglaterra, em 1872 os primeiros campeonatos dos Estados Unidos, em 1899 os primeiros campeonatos da França e, em 1896 os primeiros Jogos Olímpicos onde entrou a natação.

Os estilos ou disciplinas evoluíram, as marcas melhoraram e, já em 1912 o havaiano Kahanamoku conseguiu, em Estocolmo, percorrer os 100 metros livres em 1 m, 3 s e 4/10. Em 1920, nos Jogos Olímpicos de Anvers, o mesmo nadador conseguiu 1, 00, 4/10, tempo que presentemente, em Portugal, só um ou dois nadadores conse-

guem igualar. Em 1922, Johnny Weissmuller (mais tarde desempenhando o papel de Tarzan, no cinema) faz essa mesma distância em 58 s e 6/10. Agora esta marca está na casa dos 52 segundos e esperamos por Munique para talvez vermos atingir os 51 segundos.

Em Portugal, entretanto, a natação tem estagnado, não obstante os esforços da Federação, associações e clubes. Há falta de piscinas públicas desportivas. Algumas Câmaras têm-nas construído mas, em face das taxas de utilização, são elas proibitivas para a maioria. E no ensino, muito pior. Apenas alguns clubes mantêm o ensino da natação e, que conheçamos, só o Clube Sportivo de Pedrouços proporciona, absolutamente grátis, esse ensino a todas as crianças até aos 12 anos.

A juventude anda arredada das piscinas. Por um lado, o nosso clima reduz praticamente a três meses a utilização das poucas que existem. E também quase desconhecida a climatização de piscinas e as de Inverno, que em todo o Portugal cifram-se em 3 ou 4. Relativamente a professores e treinadores, estamos também muito mal. O Instituto Nacional de Educação Física está mal apetrechado para o ensino de natação aos seus alunos e isto basta. Não tem uma piscina. Tem sido a M. P. que faculta a sua piscina de Inverno, para nela se realizarem as aulas práticas dos cursos do I. N. E. F. Por sua vez os cursistas evitam a escolha desse desporto para especialização, pois sabem de antemão que não podem desenvolver a sua actividade uma vez terminado o curso. Terá que ser na juventude escolar, sobretudo no ensino primário que esse ensino se deverá iniciar, conjuntamente com o da ginástica.

É no Algarve? Que maravilhosas condições climáticas ele proporciona! Pelo menos um alargamento de mais dois meses de utilização das piscinas, se existissem. Nesta Província existe, sabemos, muito gente a nadar, mas a nadar mal. Com piscinas camarárias, com facilidades de utilização para a juventude, com instrutores que ensinassem essa juventude a nadar e lhe incutissem o gosto pela competição, o Algarve, estamos certos, poderia alcançar lugar destacado na natação desportiva portuguesa.

Os clubes, por si, nada poderão fazer sem a ajuda das autoridades. O Farense um dos baluartes do desporto no Algarve, está em vésperas de construir o seu ginásio-sede. Pois bem. Porque não se incluirá nesse projecto a construção de uma piscina, embora com a ajuda da Câmara e de outras hierarquias competentes?

A sugestão fica feita. Faro, a capital do distrito, bem merece esse melhoramento, do qual iriam beneficiar não só a juventude algarvia, mas e sobretudo, a natação portuguesa.

Residencial

Em Lagos, trespassa-se por motivo do proprietário não poder estar à testa. Informações em LAGOS, Telef. 229 e 384.

BRISAS do GUADIANA

O azar de Vila Real de Santo António nas obras que se prendem à utilização dos acessos fluviais

A NUNCIADA a sua construção pela Junta Autónoma dos Portos de Sotavento do Algarve há cerca de dois anos, calculando-se-lhe então o custo em cerca de 400 contos, só agora ficou concluída a nova ponte-cais dos Serviços de Fronteira de Vila Real de Santo António, destinada a facilitar o trânsito dos veículos pesados, de carga e de passageiros, para o qual o primitivo desembarcadouro não oferecia as condições indispensáveis. O custo aproximado rondou pelos 800 contos e a nova ponte, com 28 metros de comprimento e dispondo de faixas laterais para facilitar a movimentação dos passageiros, parecia apta a cumprir a sua função.

Talvez como medida de economia, a faixa de rodagem da ponte, que se dizia ir ter 3 metros de largura, ficou porém apenas com dois metros e oitenta, perdendo mais dose centímetros devido às guardas laterais, em forma de T, que a revestem. Deste modo, os autocarros nacionais, de 2,55 metros de largo, sem contar com alguma folga da carroceria, mal podem manobrar, nos 28 metros de comprimento da ponte, nos escassos 28 centímetros de que dispõem para o efeito, pior acontecendo aos autocarros estrangeiros, que por terem mais largura, não podem ali transitar. Há pouco, um autocarro que ali se aventurou ficou com a carroceria riscada, e teve de arrastar-se junto às guardas, de onde só a custo pôde sair. Assinala-se que o desembarcadouro velho tem 2,90 metros de largura, o que seria de molde a facilitar cálculos e a fornecer exemplos.

Na verdade, não se compreende como

em obra que decorreu com tanta morosidade que nem sequer pôde ajudar a fazer face ao extraordinário movimento de pessoas e veículos registado na fronteira durante o Verão, ainda se verifiquem lapsos desta natureza, com os quais se prejudica bastante o tráfego turístico do Outono e Inverno, este ano a prometer grande incremento devido à afluência de escandinavos ao Algarve.

Também a instalação para as lâmpadas que servem a nova ponte, peca pelo improviso, deixando muito a desejar a forma precária como foram fixados à armação de cimento os suportes dos fios da electricidade.

No extremo da ponte, na parte que delta para o rio, dois travessões de ferro estão colocados com os quais fica mais dificultada a manobra da entrada ou saída dos veículos, precisamente num local em que essa manobra, pelos riscos que envolve, mais facilitada deveria ser.

Espera-se que a correção de todas estas falhas seja feita com um mínimo de demora, para que se não tornem maiores os prejuízos a que as mesmas já obrigam.

UM LUSITANISTA RESPONDE A «CHAMADA»

Em resposta ao apelo que há semanas lançámos nesta secção para que ao Lusitano Futebol Clube fosse dado apoio de que tanto carece neste começo da disputa do Campeonato Nacional da III Divisão, recebeu a direcção da prestimosa colectividade a carta que a seguir se transcreve e cujo exemplo aquela direcção espera venha a ser seguido por outros lusitanistas.

Bruxelas, 7-10-970

Sr. presidente da direcção:

Certamente vai ficar confuso, ao receber esta carta, mas quando chegar ao fim acabará por verificar que sou um benfiquista e também um lusitanista, que já teve a honra de representar o nosso clube.

É a V. que me dirijo, como principal responsável pelo clube da nossa terra (que me desculpem todos os outros colegas da vossa direcção) e como tal devo dizer-lhe que além de ter sido atleta do clube (talvez a quando da vossa última presidência, não posso precisar), sou também sócio do Lusitano, mas já estou ausente há mais de um ano no estrangeiro tentando melhorar o nível de vida.

Soube por intermédio do Jornal do Algarve do apelo da direcção para que todos os vila-realenses auxiliassem o nosso Lusitano. Respondendo «presentes», e quero proceder ao pagamento das minhas quotas, caso não tenha sido excluído de sócio. Aguardo a vossa resposta e a indicação de como devo proceder ao pagamento para ter o prazer de contribuir com o meu auxílio para o engrandecimento do nosso Lusitano. Sauda-vos e deseja os maiores êxitos ao Lusitano, o José António Ferramacho. — S. F.

Traineira

Vende-se traineira ARMÊNIO JOSÉ, matriculada no porto da Figueira da Foz com o n.º 155 C, construída na Carreira Naval Figueirense no ano de 1963 e com o comprimento de 21,70 metros.

Vende-se com ou sem posse, conforme interesse do comprador.

Todas as propostas devem ser dirigidas ao sr. Silvino Gaspar Redondo — Leirosa Marinha das Ondas.

Vende-se

Automóvel Austin 1100 em estado novo. Tratar com o proprietário, Largo do Mercado, 23 em Faro.

Ajudante de Serralheiro PRECISA-SE

De preferência com o serviço militar cumprido. Resposta ao n.º 13 523 deste jornal.

A CASA DA SORTE

na semana em que inaugurou o seu novo estabelecimento de Luanda e em que completa os seus 37 anos de distribuição de

PRÉMIOS GRANDES no valor de **MAIS DE UM MILHÃO DE CONTOS** comemorando estes acontecimentos vendendo aos seus balcões **MAIS UMA SORTE GRANDE** extração da semana finda

1.º PRÉMIO — 9 770 — 4 200 CONTOS

CASA DA SORTE
A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO MUNDO NO COMÉRCIO DE LOTARIAS E TOTOBOLA

Sem Dizer AVONDE...

Temos fama e não tiramos o proveito. Uma terra de poetas, com jogos areais aqui e ali feitos desta e daquela maneira que se sabe, uma terra de poetas onde afinal uma pseudo-poesia divide desnecessariamente não só aqueles que sabem como é que as coisas acontecem mas até aqueles que nunca deram pelas coisas acontecidas. Parece até que o passado romântico construiu o definitivo frigorífico onde se guarda «poesia» congelada para alimentar para todo o sempre gente que afinal por estar habituada a produtos frescos, tem a fama e não tira o proveito. Nesta e em muitas outras coisas alguns ainda têm o desprante de garantir que se não estamos a ganhar é porque não sabemos marcar golos em «off-side». Aliás em vez de «saudeira» o tema para os próximos jogos poderia ser isso mesmo: off-side... — C. A.

O draga-minas inglês «Chawton» visita o Algarve

Para uma visita de três dias, atracou ontem em Portimão o draga-minas da Armada Britânica «Chawton». O comandante do navio, tenente P. W. Botterill, acompanhado do dr. Pearce de Azevedo, vice-cônsul da Grã-Bretanha, apresentou cumprimentos às autoridades locais. À tarde efectuou-se a bordo do «Chawton» uma recepção. Durante a sua permanência no Algarve, oficiais e marinheiros ingleses percorreram locais de interesse histórico e turístico.

O «Chawton» tem 45 metros de comprimento e 450 toneladas. Entrou ao serviço em 1958, tendo permanecido em Malta, Singapura, Bahrein, Golfo Pérsico e Gibraltar, de cuja guarnição actualmente faz parte, e navegou mais de 250 000 milhas. A sua construção em madeira, alumínio e metais não ferrosos, permite-lhe ser o mais possível antimagnético e menos vulnerável, portanto, a minas magnéticas. A tripulação do «Chawton» é constituída por 3 oficiais e 25 marinheiros, mas para a sua visita ao Algarve registou-se aumento de pessoal.

MUTUAL

O Algarve é o tema de uma exposição no Balaia

Na Galeria do Hotel da Balaia, em Albufeira está patente até 31 deste mês, uma exposição de pintura dos artistas Vicente Besugo, Gomes Martins, Manuel Pereira, António Oliveira, Jesus Guido, Estêvão Soares e Carlos Ramos. O Algarve é um dos temas desta exposição, que conta com a colaboração da Galeria Vilamoura.



A MAIOR FABRICA E ORGANIZAÇÃO PORTUGUESA DE MÁQUINAS PARA TRABALHAR MADEIRA

Sede — TROFA

Filiais

Lisboa — Rua Filinto Elísio, 15 C
Portimão — Rua Inf. D. Henrique, 194

Vão reabrir as aulas de ginástica no Clube Náutico do Guadiana

NA secretaria do Clube Náutico do Guadiana, de Vila Real de Santo António, em todos os dias úteis, das 19 às 21 horas, estão abertas as inscrições para as diversas classes de ginástica, que em breve começarão a funcionar.

....E TAMBÉM

HOTEL D. AFONSO HENRIQUES

LISBOA

FOI PINTADO COM TINTAS

EXCELSIOR

Distribuidor para todo o Algarve
«ESTANTARTE»
REPRESENTAÇÕES E COMÉRCIO, LDA.
Rua Aboim Ascensão, 54
Telef. 24787 FARO

